

GUIA DA
NATUREZA

VALE DO
TUVA





“Léguas e léguas de chão raivoso, contorcido, queimado por um sol de fogo ou por um frio de neve. Serras sobrepostas a serras. Montanhas paralelas a montanhas. Nos intervalos, apertados entre os rios de água cristalina, cantantes, a matar a sede de tanta angústia. E de quando em quando, oásis da inquietação que fez tais rugas geológicas, um vale imenso, dum húmus puro, onde a vista descansa da agressão das penedias.”

Miguel Torga

Apresentação

Parque Natural Regional do Vale do Tua (PNRVT) > *Uma Natureza Singular*

Com esta publicação, pretendemos atingir dois objetivos, que se complementam, no sentido de dar a conhecer e promover o território do Vale do Tua: por um lado, a aposta na biodiversidade e nas potencialidades do Património Natural; por outro lado, promover os fatores distintivos de cada um dos cinco municípios - Alijó, Carraceda de Ansiães, Mirandela, Murça e Vila Flor - que fazem parte do PNRVT. Em síntese, queremos que o Turismo de Natureza, possa constituir-se como um complemento às atividades económicas tradicionais, de cariz marcadamente agroalimentar, ajudando a promover o desenvolvimento local.

Consequentemente, o Guia começa por enquadrar o PNRVT no contexto Regional e Nacional, para, de seguida, levar-nos a viajar pelo Território do Vale, desde a paisagem natural, passando pela fauna e flora, pelos agroecossistemas, pelos miradouros e fontes termais, pelo património material e imaterial e pelas singularidades do Vale do Tua. Esta viagem, pretende despertar os nossos sentidos, para um choque sensorial, que estimule o desejo e a curiosidade de passar do Guia para a realidade, mergulhando nos *“lugares imperdíveis”*, provando as iguarias da nossa gastronomia, o vinho e o azeite, ou sentir a *“pujança”* da Natureza, num dos vários Miradouros excecionais desta região.

Para conhecermos melhor cada um dos cinco municípios que fazem parte do PNRVT, aconselhamos uma especial atenção ao capítulo das *“Portas de Entrada”*. Cada uma delas constitui, no fundo, um pilar fundamental para a compreensão da singularidade deste território. Embora cada *“Porta”* tenha uma lógica e estrutura comuns, permite, ao mesmo tempo, afirmar as especificidades de cada município, estabelecendo uma complementaridade e conexão, que fazem com que o todo, seja superior à simples adição de cada parte. Ao mesmo tempo, provoca o desejo de conhecer o território destes municípios, para além dos limites geográficos do próprio Parque.

Nesta visita guiada ao PNRVT, propomos uma Grande Rota, que pode começar em qualquer uma das cinco *“Portas de Entrada”*, mas também alguns percursos imperdíveis e/ou outros pequenos percursos, de acordo com as preferências, sensibilidade e tempo, de quem nos visita.

Para os apaixonados pela observação da natureza, temos um capítulo que com base em sete microrreservas, com localização por GPS, permite observar a fauna e flora do Parque ao longo das diferentes estações do ano.

Não perca mais tempo! Venha visitar-nos e usufrua da beleza ímpar das nossas paisagens, bem como da simpatia das nossas gentes!

Envolve-se e deixe-se levar pelas lendas, pelos sons, sabores, cheiros e outros *“paladares”* deste Vale Encantado!

Índice

INFORMAÇÕES ÚTEIS > USO DO GUIA	05
LENDAS E NARRATIVAS DO VALE DO TUA	07
FLORA E AGROECOSSISTEMAS	26
PORTAS DE ENTRADA	
> ALIJÓ	39
> CARRAZEDA DE ANSIÃES	55
> MIRANDELA	69
> MURÇA	85
> VILA FLOR	101
GRANDE ROTA PNRVT	117
> MIRADOUROS	130
SINGULARIDADES DO VALE DO TUA	134
OBSERVAÇÃO DA NATUREZA	144

03

Parque Natural Regional
do Vale do Tua

MURÇA

MIRANDELA

ALIJÓ

VILA FLOR

CARRAZEDA DE ANSIÃES

N

PNRVT

Porto

Lisboa

Espanha



O Guia oferece ao Turista a possibilidade de visitar locais com oferta turística relevante, com conhecimento prévio do que poderá encontrar!

Serão indicados, ao longo do guia, as várias tipologias de observação, com indicação das coordenadas GPS e parte das espécies observáveis. Pretende ser uma ferramenta de usufruto de parte deste abundante território integrado nos municípios do Parque Natural Regional do Vale do Tua.

Equipamento recomendado vestuário prático e discreto / calçado adequado ao campo ou à montanha / binóculos/água

No inverno roupa quente e impermeável / **No verão** chapéu e protetor solar

Normas de Conduta

1. Respeitar os modos de vida e as tradições locais / 2. Respeitar a propriedade privada. / 3. Não fazer barulho e não perturbar a paz dos locais. / 4. Manter a distância aconselhada às várias espécies. / 5. Não apanhar plantas, não capturar animais e não recolher amostras geológicas. / 6. Respeitar a sinalização. / 7. Os percursos pedestres deverão ser utilizados por pequenos grupos de cada vez. / 8. Não fazer lume. / 9. Cada pessoa é responsável pelo lixo que produz, devendo, assim, transportar consigo uma bolsa para os desperdícios. / 10. Contactar as autoridades sempre que detetar alguma irregularidade.

A fotografia é a única recolha autorizada!



FRAGA DO OVO

Portugal apresenta, no contexto europeu, uma importância reconhecida pela sua variedade de paisagens e habitats muito diversos que favorecem múltiplas ofertas de natureza, distribuídas por montanhas, rios, vales naturais, planaltos, raridades botânicas e uma crescente observação de aves, o que, no seu conjunto, configura um relevante recurso nacional.

Este reconhecimento natural e o facto de 21% do território compreender Áreas Classificadas, que evidenciam a pujança dos valores de natureza e de biodiversidade a que se associa uma oferta de animação turística mais qualificada, colocam Portugal numa posição charneira, também pela sua situação geográfica, face aos mais importantes mercados emissores, nomeadamente países do norte da Europa. Esta característica, que reafirma uma crescente tendência destes mercados emissores é, aliás, compreensível pois, no Top 5 dos países

emissores de turistas para Portugal, 4 são originários da Europa e nesta, a procura do turismo de natureza tem vindo a acentuar-se.

Os recursos naturais tanto podem funcionar per si, como destino direccionado, como ainda podem jogar um papel de complementaridade e de cooperação de oferta, a par de outros produtos turísticos, como o Touring Cultural, o Vinho e a Gastronomia de excelência, assente em genuína autenticidade.

Deste modo, o turismo de Natureza, associado à simpatia e hospitalidade dos portugueses, joga um extraordinário papel no carácter afirmativo da excelência turística de Portugal, que cada vez se tem afirmado mais nos mercados nacional e sobretudo internacional.

É neste contexto que a qualificação dos recursos predominantemente naturais do vale do Tua, visa contribuir para o esforço regional e nacional de valorização, organização e promoção da oferta



 ÁGUIA-D'ASA-REDONDA

turística sustentada que valorize a região e os seus habitantes.

O Parque Natural Regional do Vale do Tua foi criado em 2013, compreende uma área territorial de 25 mil hectares e distribui-se pelos Municípios de Alijó, Murça, Mirandela, Vila Flor e Carraceda de Ansiães ao longo do baixo Tua, até ao seu encontro com o Douro. Na sua essência, visa contribuir para a conservação da natureza e da biodiversidade reconfigurada com o novo lençol de água, que resultará do projeto hidroelétrico do Tua e ainda para a valorização dos aspetos da história, da cultura e dos valores imateriais vincadamente inscritos neste espaço geográfico, que serão centrais na estratégia de desenvolvimento turístico, económico e social destes territórios.

Este alinhamento estratégico insere-se, também, na Convenção Europeia da Paisagem, que enquadra o uso da mesma num contexto de articulação entre o desenvolvimento sustentável e as necessidades económicas e sociais das comunidades, no favorecimento do espaço natural como atributo favorável às diversas realizações humanas, no reforço

da identidade das populações locais e, finalmente, um elemento chave do bem-estar individual e social. O presente Guia insere-se também num quadro mais alargado de valorização e de promoção territorial do Parque Natural, procurando adequar a sua oferta ao mercado turístico de natureza, evidenciado no Plano de Ação do Turismo de Portugal e da Agenda Regional de Turismo, dentro de uma lógica de rede e de valorização da coroa natural do Norte de Portugal, onde se inserem o Parque Nacional da Peneda/Gerês, o Parque Natural do Montesinho, o Parque Natural do Douro Internacional, o Parque Natural do Alvão e a Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo.

Geografia

As áreas constantes do PNRVT inserem-se num território de transição enquadrado entre as influências atlânticas e continentais, plasmado nas franjas do sul transmontano e na mediterraneidade duriense, que se prolonga na doçura da paisagem da Terra Quente. A sua orografia expressa esse somatório multifacetado manifestado no aro montanhoso, nas



cristas quartzíticas, nos extensos planaltos luminosos por vezes cortados a pique por vales encaixados, esculpido pelos rios e ribeiras de montanha, com destaque para o Douro, o Tua e o Tinhela que, aliados aos ventos varredores, esculpiram uma paisagem singular.

O rio Tua, coluna vertebral do Parque, depois de deambular pela suavidade da Terra Quente transmontana de Murça, de Mirandela e de Vila Flor, vai estreitando o seu caudal, transformando-o num acentuado canhão de gigantescas paredes graníticas, em especial entre Alijó e Carrazeda de Ansiães.

As características dessa orografia determinaram a implantação das suas vilas e cidades a quotas planálticas situadas entre os 500 e os 800 metros de altitude, com exceção de Mirandela, que constitui a *“fronteira baixa”* destes aglomerados, situando-se à quota de 220 metros o que influencia em muito o perfil climatérico e a orgulhosa centralidade identitária da Terra Quente Transmontana.

A ocupação humana

Há uma ancestralidade longínqua, expressa nos patrimónios materiais e imateriais do Vale do Tua e nas múltiplas imagens que ainda subsistem desse tempo e que evidenciam um inestimável valor transmitido pelos seus castros, expressões orais, registos documentais e rituais solares e lunares, gravados nas memórias, nos alinhamentos, nos ermos, nas penedias, como acontece nas fragas da Botelhinha, da Aboboreira, das Ferraduras, em Linhares ou Fonte das Seixas em Parambos, nos planaltos de Alijó, Carrazeda de Ansiães ou Vila Flor, em encostas, ravinhas e vales profundos, que conferem um distinto carácter mágico à sua geografia. Afinal, nada mais natural num território ocupado e sacralizado pelo homem ao longo de milénios no vale do Douro/Duero e dos vizinhos vales do Côa e Sabor.

Essa longínqua presença humana perpetua-se no desenvolvimento agropastoril, como se comprova no buraco da Pala na serra de Passos em Mirandela, no simbolismo tutelar dos *“berrões”*, com destaque para a *“Porca de Murça”*, e nos povoados pré e proto-



históricos dos Municípios que integram o PNRVT. É precisamente este o fio condutor em que se desenrola o Guia e, através dele, se desafiam os visitantes e turistas, para a descoberta dos segredos escondidos ou codificados nas luminosas paisagens do vale do Tua.

O simbólico e o divino na paisagem

Deambular pelos territórios que albergam o PNRVT é um desafio à descoberta de paisagens milenares, onde se escondem verdadeiros tesouros, mensagens e apelos à magia ancestral plasmada nos elementos naturais. Os lugares sagrados e emocionais impõem-se e neles se evidencia o culto das fragas com seus cantares, lamentos e gemidos e ainda pedras bulideiras, como a Fraga do Ovo, em Candoso, ou a do Inteirão, em St^a Eugénia, de moiras e de moiros, onde se pressentem sensações de encantamento, envoltos em mistérios perpetuados pela memória popular nos serões de Inverno.

Com o tempo, sacralizaram-se penhascos com deuses máximos que enfrentam os raios que descem dos

céus, seja o pagão deus Júpiter ou a cristã Santa Bárbara, a quem se queima o alecrim e a oliveira benzida no Domingo de Ramos. Por sua vez, os castros ganharam capelas ou igrejas, devoções, promessas e peregrinações, que reanimam crenças e agouros, a água matricial, manifestada em grutas, poços e borbulhões, através de fontes e termas milagrosas protegidas pelos espíritos e com devoções secretas aos célticos Nábia, Bormânico ou aos Santos: Lourenço e Maria Madalena. Finalmente, surgem as encruzilhadas, terras ermas ou perigosas onde se invocavam os deuses “*viales*”, sejam Hermes propícios ou as alminhas, onde se perpetuam espaços de assombrações, de estremecimentos, se fazem figas e se queimam plantas propiciatórias.

Antas

As zonas planálticas ou as chãs mais inóspitas, que circundam a bacia hidrográfica do Tua, evidenciam testemunhos arqueológicos de sepulturas que se inserem na cultura megalítica atlântica, iniciada num período pré-histórico, que nos remete para cerca de



 DEDALEIRA

5000 aC e que chegam até nós através da Anta de Zedes em Carrazeda, da Anta da Chã em Alijó, do conjunto das Madorras nos limites planálticos que separam a parte norte de Alijó e o Município de Murça e ainda os vestígios desse modelo de enterramento em Marmelos, no Município de Mirandela.

Estas sepulturas ou *tumulus*, geralmente associadas a símbolos gravados, tinham uma câmara suportada por grandes pedras, com entrada virada a nascente, sendo encerrada com um amontoado de pedras e terras, formando um montículo artificial em forma de mama, daí se lhe ter dado também a designação de mamoa.

Divagar por estes chãos dos mortos é entrar nos espaços sagrados de poderosos impactos simbólicos, onde se sepultavam antepassados míticos de importantes famílias ou linhagens através das quais se heroizavam as tutelas guerreiras e que se perpetuaram na arquitetura das grandes pedras e dos mistérios que suscitam.

Castros e Berrões

Nas proeminências rochosas da depressão da Terra Quente, nos promontórios e esporões intermédios do cerco montanhoso que envolve a bacia hidrográfica do Tua, surgem povoados característicos da Idade do Ferro, que, através da sua localização estratégica, detinham o controlo de vastos territórios férteis, de bacias fluviais e de zonas de exploração mineira, que lhes permitiam afirmar o poder inter-tribal e as trocas comerciais.

Neste quadro, o desenvolvimento intenso da metalurgia, associada aos períodos do Bronze Atlântico e da Idade do Ferro, foi indispensável à afirmação de um modelo de vida e à afirmação de uma coerência organizacional, vincadamente associados à geografia do noroeste peninsular.

Os castros são povoados fortificados com muralhas e habitações, geralmente circulares, bem suportadas por complexos sistemas defensivos adicionais, tais como fossos, portas e entradas ardilosas e pedras fncadas que os protegiam face aos inimigos externos, afirmando o seu carácter monumental e amplo



domínio visual.

Alguns destes povoados destacam-se na paisagem, pela sua localização, pela antiguidade e pelo valioso espólio que evidenciam. O castro do Pópulo em Alijó ostenta uma bela muralha, o de Palheiros emerge num espigão quartzítico na depressão de Murça e tem um centro de interpretação *in situ*, que permite a interpretação do Lugar. Por sua vez, o de Vilas Boas, em Vila Flor, guardou um magnífico “torques” em ouro, que se configura como o mais belo e raro exemplar da ourivesaria castreja até hoje conhecido no noroeste ibérico, emergindo como um fabuloso elemento de auto-estima, de genuinidade e de prestígio dos povos do Vale do Tua.

Estes exemplos representam uma pequena amostra de uma vasta malha de aglomerados fortificados, largamente implantados nos Municípios do vale do Tua.

Por sua vez, os Berrões fazem parte das arquiteturas religiosas proto-históricas, evidenciando um relevante e vasto culto zoolátrico, alargado a grande parte da Meseta castelhana e interior transmontano,

evidenciado em 49 exemplares dessas representações e tradicionalmente atribuídos à tribo dos Vetões, dado coincidirem no mesmo espaço geográfico e temporal. A ocidente do rio, apenas se conhecem a “*Porca de Murça*” e um outro berrão gravado nas penedias do castro de Carlão, delimitando assim uma vasta área geográfica tribal, na qual a figura totémica de berrões, cabeças de cavalo, touros, ursos e cabrinhas asseguravam cultos religiosos, de fertilidade e de magia, perpetuandose como simbólicas marcas religiosas e territoriais, como representações de *ex-votos* misteriosos.

São famosos os berrões de Torre de D. Chama em Mirandela, de Vila Flor (exibido no Museu Municipal), de Bragança (no seu centro histórico) e vários no planalto mirandês e em Freixo de Espada à Cinta. Também existiu um exemplar dessas figuras poderosas na fonte de Linhares (Carrazeda de Ansiães), feito em mármore e desaparecido entretanto.

Rio Tua, uma antiga linha de fronteira

Historicamente, a fronteira física ou simbólica deste



vale perpetuou-se desde a ocupação do território pelas primeiras comunidades organizadas das fases pré e proto-histórica e manteve-se até ao presente, funcionando, deste modo, como limite territorial e marca de divisão administrativa e política das comunidades castrejas, que ocuparam intensamente a região. A manutenção deste sentimento de “*fronteira*” está enraizado nos hábitos e no sentido de pertença dos transmontanos e durienses, alinhados em antigos troncos e descendências tribais vizinhas mas antagónicas com os Zelas ou Zoelas a oriente e os Gróvios (Brácaros e Calaicos) a ocidente e que se olhavam no Vale do Tua.

Este carácter de limite territorial e de fronteira não impedia, contudo, o trânsito de manifestações artístico/simbólicas e de trocas comerciais, que uns povos passaram aos outros, citando-se, a título de exemplo, a presença de uma cabeça de estátua de guerreiro em Vilas Boas, bem distante da influência calaica ocidental, longínqua, portanto, do seu epicentro natural ou os já citados berrões na parte ocidental mais distante da centralidade da Meseta.

As estátuas de guerreiros com colares ao pescoço e virias nos braços, simbolizavam a cultura dos chefes, a glorificação dos antepassados e a heroicização das tutelas, evidenciando a existência de sociedades organizadas em laços de sangue, que estão na base das estruturas castrejas, onde os Torques encimavam a afirmação da liderança, do poder e da bravura guerreira dos povos castrejos.

Águas, Fontes e Termas – um recurso territorial

Os espaços territoriais dos Municípios integrantes do PNRVT situam-se, em termos macro, entre as falhas geológicas de Chaves, Vila Real, Régua e a Bacia da Vilaríça, que limita, a Oriente, os dois Municípios de Mirandela e Vila Flor em cujo *Graben* emergem as águas Frize, outrora designadas de Bensaúde. Esta falha ou cicatriz bem marcada na paisagem entre xistos e granitos, apresenta-se como um bloco abatido limitado por falhas de orientação submeridional e horizontal, configurando no território uma das bacias de desligamento cenozóicas.

A área territorial em que se desenvolve o Parque,



embora apresente uma imagem de raridade de águas, que condiciona as características do seu coberto vegetal, do seu perfil climático mediterrânico ou de alguns extremos próprios da Terra Quente na parte superior do rio, tal não é totalmente verdade, antes se justificando essa aparência pelas características orográficas, pelos desníveis e pela estrutura dos solos, o que leva a que as águas corram em vales profundos, desamparando assim as zonas planálticas.

Isto deve-se ao facto do vale do Tua e da sua bacia hidrográfica serem caracterizados no canhão final por margens muito abruptas e agrestes e outros em forma de gigantescos anfiteatros, que, ao longo do ano, vão variando a sua matriz cromática, a que se seguem meandros mais ou menos apertados, resultantes da eterna luta entre os caudais dos rios e ribeiras e a natureza que os condiciona e aprisiona, composta pelos xistos, granitos e estrutura tectónica e que bem evidenciam os perfis da telúrica contração transmontana. Estes caudais, sabiamente utilizados ao longo dos tempos, asseguraram os regadios, a beleza das hortas e a sobrevivência dos ecossistemas

implantados, perpetuando-se na paisagem através dos açudes, dos regos e dos moinhos. Também perduram na mesma exemplos de mouriscas noras e de bem mais antigas fontes de mergulho, nos centros urbanos e nos antigos sistemas viários, povoando o imaginário das fontes e grutas de Nabia, bem manifestado nas festividades dos períodos solsticiais.

Ora, a par dessas torrentes incessantes que geram vida e riqueza no vale do Tua, emergem outras generosidades aquíferas que diversificam os usos, identificam os territórios e afirmam as suas identidades e complementam a sua oferta aquífera.

Águas termais e o mágico da paisagem

O conjunto das emergências termais do vale do Tua enquadra-se num ambiente litológico composto por granitos hercínios sintectónicos, que estruturam os metassedimentos do complexo xisto grauváquico.

As Caldas de Sta. Maria Madalena, embora se situem no Município de Murça, são popularmente designadas por Termas de Carlão, por estarem



historicamente mais ligadas a esta bela localidade alijoense e situam-se na margem direita do rio Tua, junto à foz do rio Tinhela, distando escassos 4,5 Km das Termas de S. Lourenço, situadas na margem sul, no Município de Carrazeda de Ansiães. Quimicamente estas águas são muito semelhantes, têm origem meteórica e a sua recarga é feita em cotas elevadas do cerco montanhoso envolvente, apresentando ainda idênticas temperaturas, situadas entre os 29 e os 30 graus e têm origens e composição físicoquímica idênticas, designadas por águas fluoretadas, bicarbonetadas, sulfuretadas, sódicas, alcalinas e reductoras. As indicações terapêuticas são: doenças da pele, doenças reumáticas e músculo-esqueléticas, vias respiratórias e doenças do aparelho digestivo.

Os primórdios do uso termal remetem-nos para um período pré-histórico em que o homem se ligou, de forma intensa, a este território e cuja evidência se manifesta de forma profusa nos seus elementos identitários e nas manifestações artísticas ou simbólicas, plasmadas nos granitos das fragas da Botelhinha, da Fraga da Rapa em Carrazeda de

Ansiães e, sobretudo, no santuário da gruta da Pala Pinta, em Alijó.

Um e outras, contribuem também para acrescentarem uma ancestral magia religiosa, tutelada pelo deus Bormânico, divindade das águas e que, a norte do Douro, correspondia a Esculápio, representando a tutela da saúde e cuja tradição o povo mantém ao apelidar as águas de “*santas*”, porque curam, retemperam e regeneram, à imagem bormânica do que “*faz ferver*” e que os santos protetores fazem perdurar. Por esse motivo lá está a imagem granítica de S. Lourenço (Séc. XVII) sobre o tanque dos banhos termais, atestando esse poder tutelar das águas bantas manifestadas e perpetuadas pelas divindades.

Este conjunto de rios e fontes, de águas matriciais manifestadas em grutas, em bolhões ou jorrando das penedias, protegidas pelos espíritos mitológicos, corporizam as peregrinações, os rituais e os milagres da “*forja de Vulcano*” nos recantos misteriosos do Tua.



Venha à descoberta!...

... E, aos poucos, ao entrar nessa sintonia com os lugares e com as memórias, o território vai desvendando os seus mistérios e nada mais há a fazer senão deixar-se embalar nessa procura das raízes, ancoradas nesse longínquo tempo e espaço dos territórios do vale do Tua, nos seus granitos, xistos e quartzitos, manifestados na sua telúrica monumentalidade, nos seus cultos cósmicos, do sol e da lua, como os da serra de Passos ou o abrigo da Pala Pinta, da sua vegetação natural, das plantas aromáticas, cosméticas, condimentares e mágicas. Assim, ganham sentido as festas e cultos das maias, os rituais da fertilidade de Beltane com as suas fogueiras, com os troncos do Natal que aquecem os homens reforçando os seus ancestrais laços tribais e comunitários e crenças ao poder do Sol, a par de rituais e festas dos rapazes, da simbologia dos Equinócios e Solstícios guardada no memorial transmontano.

A viagem proposta é uma procura das múltiplas lendas, crenças e superstições que perduram e

insinuem ecos difusos das antigas religiões e dos poderosos altares circundantes de Serápis, de Averno, de Júpiter, de Bormânico, de Marandicus e demais deuses maiores, de um tempo distante, perpetuadas nas montanhas e *aras votivas*. Ouçamos o eco das penedias que eternizam os deuses metalúrgicos e o animismo primitivo com os seus espíritos que emanam da paisagem sentida, de que se depende e se teme. Esta é a alma transmontana.

O visitante percebe, então, que as capelas, cruzeiros, alminhas e igrejas se apropriaram de anteriores espaços sagrados manifestados através de monumentos funerários, inscrições enigmáticas, altares ao sol e à lua evidenciados nos lugares, estatuária guerreira e zoomórfica, montes, pedras sagradas e ainda castros, castelos, com os seus caminhos secretos e túneis fabulosos impregnados do poder lendário, do mágico e do encantamento.

Envolve-se e deixe-se encantar no Vale do Tua!

An aerial photograph of a vast agricultural landscape. On the left, a steep hillside is covered in a dense, dark green forest. Below the forest, a small cluster of white buildings with red roofs is visible. The rest of the landscape is a patchwork of different agricultural systems. In the center, there are large fields of golden-brown, harvested crops, possibly corn or soybeans, arranged in neat rows. To the right, there are green fields, some of which appear to be planted with young trees or shrubs. In the background, rolling hills and mountains are visible under a sky with scattered white clouds. The overall scene depicts a diverse and well-managed agricultural ecosystem.

FLORA E

An aerial photograph of a rural landscape. The foreground is dominated by a large, rectangular field of young olive trees planted in neat rows. To the right, there are more fields and a small cluster of buildings with red-tiled roofs. In the middle ground, a winding road or path cuts through the landscape. The background shows rolling hills and mountains under a sky with scattered clouds. The overall scene depicts a typical agricultural landscape in a rural area.

AGROECOSSISTEMAS

Flora e Vegetação do vale

Por José Ribeiro

O rio Tua é formado pela confluência, um pouco a norte de Mirandela, de dois outros rios, o Tuela, proveniente da Serra da Sanábria em Espanha e o Rabaçal, nascido também em Espanha perto da fronteira de Vinhais. O vale deste rio que é um dos maiores afluentes do Douro, é relativamente aberto no troço que se estende desde a referida confluência até à povoação do Cachão, a cerca de 12 km a sul da cidade de Mirandela. A partir daí, e até á sua foz no rio Douro, define-se um vale muito mais apertado com troços mesmo de garganta e aonde a paisagem mais escarpada é também mais inóspita, mantendo-se contudo a flora e a vegetação mediterrânea de todo o vale, mas com uma agricultura mais escassa, pontilhada por vinhas, olivais, amendoais e alguns laranjais quase sempre implantados em terraços resultantes da ação humana, como é típico de toda a grande região duriense, intercalados de matos e bosquetes de pequeno porte.

Vamos de seguida abordar a flora e a vegetação característica deste vale, que em termos fitogeográficos, se pode enquadrar no vasto Domínio denominado *Mesomediterrâneo transmontano-duriense*. Nesta resenha vamos-nos circunscrever à flora e à vegetação espontânea, dominada por azinhais acompanhados por zimbros na parte mais baixa do vale e por sobreirais acompanhados por carvalhos-cerquinhos nas altitudes intermédias, entre os 350 e os 600 metros. Alguns pinhais de pinheiro-bravo e alguns castinçais, que



pontilham a paisagem nalgumas colinas, são na realidade bosquetes originados de plantações pela ação humana e não são muito significativos da vegetação natural desta região.

O domínio *Mesomediterrâneo transmontano-duriense*, sendo subdividido em dois pisos bioclimáticos, mesomediterrâneo médio e mesomediterrâneo inferior, apresenta um ombroclima sub-húmido a seco e constitui grande parte do território fitogeográfico do Sector Lusitano-Duriense, abrangendo as áreas conhecidas por Terra Quente, Cima Corgo e Douro Superior. Este domínio está relacionado com a azinheira, o zimbro (*Juniperus oxycedrus* L.), o carvalho cerquinho (*Quercus faginea* Lam.) e o sobreiro (*Quercus suber* L.). As comunidades florísticas mais importantes deste domínio são as seguintes:

- As associações *Genisto hystricis-Quercetum rotundifolia* e P. Silva e a *Junipero oxycedri-Quercetum suberis* C. Costa, Capelo, Lousã et Aguiar ined.
- As sub-associações *Genisto hystricis-Q.rotundifoliae juniperetosum oxycedri* C. Costa, Capelo, Lousã et

Aguiar ined. e *Rusco aculeati-Quercetum suberis juniperetosum oxycedri* C. Costa, Capelo, Lousã et Aguiar ined. Estas sub-associações representam azinhais e sobreirais com zimbros.

- Como o vale do Tua se insere essencialmente nas sub-regiões Terra Quente Transmontana e Cima Corgo, ainda estão presentes, em situação finícola, alguns carvalhais termófilos acompanhados de gilbardeiras do *Rusco aculeati-Quercetum roboris viburnetosum tini* e medronhais de *Phyllireo angustifoliae - Arbutetum unedonis* Rivas Goday et Galiano, estes representando uma etapa serial do *Rusco aculeati-Quercetum suberis*.

Este domínio fitogeográfico mesomediterrâneo está identificado com a Terra Quente subcontinental, e relaciona-se com o nível basal do interior leste (até altitudes dos 450 a 500m) nos andares bioclimáticos mesomediterrânicos e nele se incluem as subregiões do Cima Corgo e Douro Superior do Alto Douro Vinhateiro. A azinheira [*Quercus rotundifolia* Lam. ou *Quercus ilex* L. ssp. *rotundifolia* (Lam.) T. Morais],

também denominada na região «carrasco», é a espécie dominante. O verdadeiro carrasco - *Quercus coccifera* L.- , sendo calcícola, é frequente no centro e sul do país e raro no norte, havendo apenas alguns exemplares desta espécie nos calcoxistos do Douro Superior. A espécie subdominante é uma resinosa cupressácea ancestral, refugiada na Ibéria desde a era das glaciações, que é o zimbro-da-mesêta (*Juniperus oxycedrus* L.). Estas duas são as espécies mais frequentes, sendo ainda componentes notáveis do estrato arbóreo, o carvalho-cerquinho (*Quercus faginea* Lam.), o sobreiro (*Quercus suber* L.), a zêlha (*Acer monspessulanum* L.) e, num ponto ou noutro, a oliveira – brava ou zambujeiro (*Olea europaea* L.). Em termos fitossociológicos predominam subassociações relacionadas com azinhais e sobreirais com zimbros.

Como elementos característicos do sub-bosque destacam-se o piórno [*Retama sphaerocarpa* (L.) Boiss.], arbusto semelhante às giestas, a cornalheira (*Pistacia terebinthus* L.), o lentisco-bastardo (*Phillyrea angustifolia* L.), o medronheiro (*Arbutus unedo* L.), a estêva (*Cistus ladanifer* L.), o rosmarinho (*Lavandula pedunculata* (Miller) Cav., o tomilho-do-monte ou bela-luz (*Thymus mastichina* L.), o trovisco, (*Daphne gnidium* L.), a rosêlha (*Cistus albidus* L.) e os sanganhos (*Cistus salvifolius* L. e *C. psilosepalus* Sweet) e ainda as espécies trepadeiras jasmineiro-do-monte (*Jasminum fruticans* L.), vide-branca (*Clematis vitalba* L.) e a mais conhecida madressilva (*Lonicera estrusca* G. Santi e *Lonicera peryclimenum*.L.). Como se vê nos domínios ibero-mediterrâneo e submediterrâneo os matos arbustivos integram-se em absoluto na classe *Cisto-*



Lavanduletea Br. Bl. liderada pelas estevas e rosmaninhos.

Nas áreas mais quentes do mesomediterrâneo médio, mais próximas do rio Douro e da sua foz e aproveitando solos um pouco mais profundos dos depósitos de vertente, implantam-se variantes mais termófilas desses matagais mediterrâneos: os piornais, formações arbustivas mais frequentes no sul do nosso país e no sul do país vizinho. Esses piornais são matagais altos dominados por um arbusto semelhante à giesta vulgar que é o piôrno [*Lygos sphaerocarpa* (L.) Heywood ou *Retama sphaerocarpa* (L.) Boiss. - semelhante também à giesta piorneira (ainda mais parecida com esta última pelas suas flores amarelas miudinhas), de vagens pequenas e arredondadas e de ramagens altas, flexíveis e quase sem folhas para melhor adaptação à secura.

É devido a essa semelhança entre a giesta piorneira (*Genista florida* L.) e o piôrno, que também se denominam piôrnos e piornais aos matos de giesta piorneira, só que estes são exclusivos das terras altas, serranas, das Terras Frias Transmontana e Beirã. Nos

piornais durienses há que evidenciar dois preciosos arbustos espinhosos meso e termomediterrâneos: abrunheiro-bravo (*Prunus mahaleb* L.) e espinheiro-preto (*Rhamnus lycioides* L.).

De realçar na paisagem vegetal do vale do Tua, como de toda a região duriense, a importância dos denominados “mortórios”, que são espaços por vezes ainda com os antigos muros onde há cento e vinte anos houve vinhas que, entretanto, foram devastadas pela filoxera, sendo atualmente muitos deles espaços recolonizados pela vegetação autóctone.

Nesses matagais inserem-se espécies de elevado interesse não só arbóreas e arbustivas como até algumas herbáceas como os casos duma Crucífera ou Brassicácea semelhante a um goiveiro silvestre *Erysimum linifolium* (Press.) Gay, da Orquidácea erva-de-salepo (*Orchis morio* L), da Peonácea rosa-albardeira, (*Paeonia broteroi* Boiss. et Reuter) e ainda da Iridácea lírio-do-monte (*Iris xiphium* L.).

Não podemos deixar de chamar a atenção para a necessidade de se preservarem na paisagem alguns desses magníficos “mortórios” como repositórios que

são de uma rica biodiversidade da vegetação autóctone mediterrânea duriense. Assim como não podemos deixar de alertar para a necessidade de se preservarem melhor os bosquetes de topo das colinas e a vegetação ribeirinha das linhas de água, fundamental para o equilíbrio ecológico da região.

Flora e vegetação ribeirinha

Nas orlas ribeirinhas do Tua, como da maioria dos rios da região, até ao nível montano demarcam-se as espécies típicas desses espaços como: o amieiro (*Alnus glutinosa* (L.) Gaertner; o freixo (*Fraxinus angustifolia* Vahl); o ulmeiro (*Ulmus spp.*); o choupo (*Populus spp.*); os salgueiros (*Salix spp.*); o lódão (*Celtis australis* L.); o sanguinho-bastardo (*Frangula alnus* Miller); o sabugueiro (*Sambucus nigra* L.); a salgueirinha (*Lythrum salicaria* L.), a cana vulgar (*Arundo donax* L.) e outras higrófilas ribeirinhas. No estrato herbáceo das beiradas das linhas de água, definem-se alguns ervados que não chegam a ter suficiente expressão para se poderem denominar «lameiros», sendo estes agroecossistemas mais típicos da Terra Fria e de algumas Freixedas das zonas de transição entre a Terra Quente e a Terra Fria. O referido estrato herbáceo das beiradas ribeirinhas insere-se na ampla comunidade do *Thero-Brachypodietea* Malato-Beliz com os juncais bem definidos no *Mentho suaveolentis-Juncetum inflexi* Rivas-Martinez ined. e ervados higrófilos do *Preslietum cervinae* Br. Bl., ricos em espécies aromáticas e medicinais como as hortelã-de-água (*Mentha aquatica* L.) e erva-peixeira (*Preslia cervina* L.) Opiz, os poêjos (*Mentha pulegium*



L.) e os marroios (*Lycopus europaeus* L.) e diversas gramíneas higrófilas dos géneros Molinia, Glyceria e outras.

Outras formações típicas das linhas de água, nesta como noutras áreas do Centro e Norte do nosso país, são os salgueirais, com dominância do salgueiro negro (*Salix atrocinerea* Brot.) - mais a montante e do salgueiro branco (*Salix salvifolia* Brot.) - mais a jusante, pois esta segunda espécie é mais termófila. Nos leitos de cheia do Douro e seus afluentes os salgueirais ocupam os troços onde o regime das águas é mais agressivo e os solos mais arenosos ou pedregosos, habitats onde os amieirais e as freixêdas não se adaptam tão bem. Nesses leitos de cheia os salgueiros compartilham esses nichos ecológicos com um outro arbusto menos conhecido mas muito característico (exclusivo no nosso país dos vales do Douro interior, Tejo interior e Guadiana). É o tamujo, arbusto muito ramoso e muito espinhoso da família botânica das Euforbiáceas cuja designação botânica é *Securinega tinctoria* (L.) Rothm e este adjetivo específico indica que já deve ter sido usado em tinturaria, pois, como

todas as Euforbiáceas, é uma espécie rica em secreções. Pode ser observado nas margens do Tua junto à sua foz, a par de magníficos tufos de salgueiros brancos.

Flora ruderal e rupestre

A flora ruderal, inserida nas ecotonias de transição de margens de caminhos, margens dos matos ou bosquetes e nas bordaduras de culturas agrícolas é muito semelhante a outras floras ruderais de outras regiões de ombroclima semelhante na mediterraneidade, sendo uma flora bastante cosmopolita ou seja constituída por espécies de muita ampla inserção fitogeográfica e na qual se salientam espécies herbáceas vivazes como a *Scrophularia auriculata* L., o *Epilobium hirsutum* L., as apiáceas *Torilis spp.*, *Smirnum olusastrum* L. e *Thapsia vilosa* L., as asteráceas tipo cardos como o *Silybum marianum* (L.) Gaertner, o *Carduus tenuiflorus* Curt. e a *Galatites tomentosa* Moench, as brassicáceas *Coyncia monensis* (L.) Gaertner et Burdet também denominada *Rhyncosinapis monensis* (L.) Dandy , a

comestível *Brassica barrelieri* Janka e o *Sisymbrium officinale* (L.) DC., e ainda diversas gramíneas ou poáceas como os bromos – *Bromus spp.* – as brisas – *Briza spp.*, algumas espécies dos géneros *Alopecurus*, *Vulpia* e *Cynosurus* e a mais conhecida cevada-dos-ratos – *Hordeum murinum* L. *ssp. leporinum* (Link.) Arcangeli, aliás considerada uma das espécies mais características das comunidades florísticas ruderais.

Já na flora rupestre ou rupícola, inserida em taludes e outros locais caracterizados pela sua pedregosidade ou por solos esqueléticos, habitats esses que incluem algumas margens e leitos de cheia de rios, ribeiras e linhas de água, teremos de salientar, no caso deste vale, a presença das vulgares e comestíveis azedas – *Rumex induratus* L., dos conchelos – *Umbilicus rupestris* L. e de outras Crassuláceas do género *Sedum*, assim como dos belos “alfinetes” com as suas vistosas inflorescências escarlates – *Centranthus ruber* (L.) DC. Mas, a par destas espécies relativamente vulgares em habitats rupestres, teremos de salientar nesta região algumas espécies algo raras e por conseguinte de maior notoriedade como sejam a *Silene marizii* Samp., o *Anarrhinum duriminium* (Brot.) Pers. e sobretudo a bela dedaleira *Digitalis armandiana* Samp.

Numa situação climática mediterrânea como se define em todo o vale do Tua, as culturas agrícolas dominantes são como se sabe, a vinha, o olival, o amendoal e o laranjal. Todavia há que lembrar que o troço deste vale entre Mirandela e o Cachão é bastante mais aberto definindo uma vasta e fértil várzea, bem inserida na denominada Terra Quente Transmontana onde hortícolas e pomares de



diversas fruteiras como a cerejeira, o pessegueiro, a ameixoeira e a figueira, enriquecem de sobremaneira a paisagem e a sua agricultura. Nesta várzea também estão presentes magníficos olivais, pois a Terra Quente Transmontana apresenta uma condição edafo-climática privilegiada para a cultura da oliveira em que a existência de algum frio invernal devido à continentalidade, travando o avanço de algumas doenças e pragas como a gafa e a mosca-daazeitona, e a dominância da variedade «cobrançosa» confere ao azeite desta região uma qualidade ímpar, sendo a cultura da oliveira neste troço mirandense do vale do Tua a base da sua agricultura.

Este aspeto muda de feição à medida que nos aproximamos do troço a sul do cachão, de vertentes mais íngremes e escarpadas aonde a vinha vai tomando dominância, não só porque se adapta melhor a situações deste tipo, mas também porque nesta área já se define o Alto Vinhateiro com possibilidade de produção de vinho do Porto, aliás de altíssima qualidade.

Quanto às hortícolas são de referir e salientar pela sua

qualidade as couves-pencas ou couves-tronchas do vale do Tua, que, à semelhança das da veiga de Chaves ou do vale da Vilariça, «sofrem» com as geadas outonais uma pressão fisiológica de aumento de açúcares a fim de se defenderem melhor do frio, adoçamento esse que as torna nas melhores couves-pencas do mercado.

Outra cultura importante neste vale do Tua é o laranjal, inserido em dois tipos de paisagem: ou em pequenos terraços semelhantes aos geios das vinhas, construídos nas vertentes escarpadas de xisto – o xisto é dominante na geologia deste vale como de todo o Douro Vinhateiro, embora se levantem alguns afloramentos graníticos num ou outro local – ou em pequenas várzeas definidas principalmente junto à foz. São especialmente famosas pela sua qualidade, conferida pelo ímpar microclima aqui definido, as conhecidas laranjas de São Mamede de Ribatua.

P O R T A S D E



ENTRADA

A scenic landscape featuring a range of mountains in the background, partially obscured by a thick layer of white clouds or fog that fills the valley. In the foreground, several tall, dark green evergreen trees are visible, their tops reaching into the clear blue sky. The overall atmosphere is serene and majestic.



HOMEM DO DOURO

PORTA DE ENTRADA

ALIJÓ

Por entre Castros e Dedaleiras



Posto que para trás ficaram as grandes divindades telúricas de *Reve Marandicus* e de *Serápis*, nos limites de Vila Real, começamos aos poucos a impregnarmos das ambiências transmontanas, nas quais, os planaltos luminosos de Alijó, as suas chãs sagradas dos mortos e os seus cabeços graníticos dos castros, fazem sentir os primeiros estremecimentos do Reino Maravilhoso. De um lado os gigantes, as divindades pétreas e o cerco montanhoso da grande fortaleza telúrica, do outro o Douro sublimado e os seus alcantilados geométricos onde desfilam pautas musicais em forma de vinhedos. Mas olhando pela varanda aberta a oriente, mergulhamos na Terra Quente por onde se espreguiça o rio das ancestrais e esbatidas fronteiras tribais da fase proto-histórica. Entramos nos domínios ribeirinhos do Tua, dos seus precipícios e dos seus mistérios.

Somos assim recebidos em Alijó, emblemática terra de produtores de grandes vinhos, de uma crescente atividade turística que potencia o dinamismo das gentes e dá notoriedade à região e a sua bacia hidrográfica cuja nomeada se espalha pelos cantos do

Mundo. Famosa pelas suas hortas, laranjais e produtos de montanha, contudo o destaque vai para a produção vitícola de afamados vinhos do Douro e Porto, sem esquecer o característico moscatel de Alijó e Favaio, que é uma particularidade dos planaltos de transição. A eles liga-se a tradicional produção de pão, que se pode degustar e ver na última localidade onde funciona o Museu do Pão e do Vinho.

A medieva Alijó e seu termo, tiveram um conjunto de forais que atestaram a evolução daquelas comunidades e o cuidado dos primeiros reis em favorecerem o povoamento e criar condições para a atração da burguesia mercantil e da nobreza fundiária, que tutelaram a terra durante longos ciclos históricos. Tal aconteceu com o Marquês de Távora, que veio a ser o primeiro donatário de Alijó e seus termos, até voltarem à posse da coroa portuguesa, no período Pombalino, após o trágico aniquilamento daquela poderosa família, nos meados do séc. XVIII.

As capelas, os miradouros, o edifício da Câmara Municipal, o pelourinho, a antiga casa dos Távoras e o centenário plátano, considerado monumento



 PICA-PAU-MALHADO-GRANDE

nacional, compõem grosso modo, o conjunto dos patrimónios materiais. A gastronomia, as raízes da história, a hospitalidade das suas gentes, os miradouros de sustar a respiração e o mágico/lendário, completam o quadro da oferta alijoense.

Uma Lenda

A Lenda da Senhora da Cunha

O espaço da Sr.^a da Cunha acolhe uma romaria muito associada à festa e às refeições comunitárias à volta da Capela e Cabeço, ambos sacralizados.

Tradicionalmente, ocorreram disputas, através das quais as diversas freguesias reivindicavam a pertença da protetora, cujo simbolismo estava muito ligado ao início das ceifas e às festas da agricultura. Diz-se que os habitantes da Chã tentaram, um dia, virar a imagem da Santa para esta localidade e que ela, tendo adquirido vontade, se virou para Alijó, mantendo-se a disputa do local de pertença da padroeira entre as duas localidades, bem como o facto de as sete irmãs (sete santas) obrigatoriamente se verem umas às outras. São elas Santa Eufémia, da Lavandeira,

Senhora da Assunção em Vilas Boas, Senhora dos Remédios em Lamego, Santa Comba no Franco, Santa Bárbara em Favaios e Senhora das Dores no Castedo. A romaria da Sr.^a da Cunha é singular, pelo modo como se encontram os grupos das freguesias na base do cabeço, encimados pelas suas cruzes e indumentárias.

Curiosidades

O *Teleférico do Amieiro* ou o “*engenho e arte à transmontana*”.

Para galgar as margens abruptas do Vale do Tua, a população do Amieiro construiu, há décadas, um teleférico que permitia ter acesso entre as duas margens, a cerca de 40 pessoas por dia, para apanhar o comboio e para os trabalhos agrícolas de terrenos de cultivo existentes nas encostas de Carrazeda de Ansiães. Este serviço de transporte era ainda complementado com o transporte da Barca, que trabalhava de sol a sol e ambos, prenúncio de modernos interfaces modais, eram concessionados, por arrematação, em leilão no dia de Natal.



Quem estivesse avançado pagava esta “taxa” anualmente, de acordo com o número de pessoas por casal, a profissão, os prédios que tivessem na outra margem, os animais que possuísse, entre outros. Os ferroviários pagavam mais porque faziam mais viagens.

Em 1954, as avenças iam de 30 a 100 escudos e, em 1985, de 40 a 500 escudos por ano.

Descrevem-se os preços das “avenças” associadas a esse antigo transporte:

Correio:

Não pagava nada;

Pessoas:

Até 1954: 50 centavos por viagem no tempo mínimo;

Entre 1955 e 1984: de 2 escudos e meio até 15 escudos, conforme o tempo de viagem;

A partir de 1985: 20 escudos por viagem;

Animais:

A partir de 1954: 50 centavos por cabeça e por viagem;

A partir de 1985: 7 escudos e meio por cabeça e por viagem.

Festa relevante

Senhora dos Prazeres ou Senhora da Cunha

Proporciona um cenário grandioso no cimo de um monte, provavelmente antes associado ao culto da Lua e bem evidenciado na pintura rupestre da Pala Pinta. É um espaço milenarmente sagrado a que, a partir do Séc. XVIII, se associou a veneração da Sr.^a dos Prazeres, cuja festividade decorre no primeiro domingo de Julho.

Gastronomia

Desde os peixinhos do rio das aldeias ribeirinhas do Tua, às amêndoas de St.^a Eugénia, ou ao cabrito com arroz de forno dos planaltos do Pópulo, Alijó afirma-se como um espaço de grande diversidade gastronómica. Com vinhos de eleição, onde se insere o distinto Moscatel, a afamada bola de carne, os derivados dos enchidos e o emblemático pão de Favaio, fazem de Alijó um espaço de perdição para os paladares.

Venha e comprove!



Lugares imperdíveis

Pala Pinta: "Um lugar Transcendental"

Chega-nos como a primeira fotografia do Vale do Tua, plasmada na morfologia rochosa da pala granítica que manifesta e regista um conjunto integrado de paisagens, motivos humanos e serpentiformes, visíveis a partir do local, evidenciando, acima da linha do horizonte, singulares e inesperadas conjunturas astronómicas.

A Pala Pinta afirma-se deste modo, também, como impressionante observatório terrestre e celeste. Trata-se de um lugar especial onde o sol, as estrelas ou quiçá um cometa, com diferentes intensidades de luz e respetiva cauda, assumem uma grande visibilidade, integrada numa unidade espacial onde coabitam humanos, as linhas do horizonte, as encostas e o inigualável perfil do monte da Senhora da Cunha.


E se a representação global se associa à passagem de um cometa que cruzou os céus há 7 milénios, este recanto do Tua suplantará, em vários séculos, os mais antigos textos do crescente fértil babilónico, que referiram expressamente a passagem de fascinantes

motivos cósmicos pelos céus, como era o caso da passagem de um cometa.

Assim se perpetua o lendário fascínio das ermas fragas das arribas do Tua e o seu carácter mágico e tocante, que perpetua o histórico fascínio dos homens perante os fenómenos celestes.

O Abrigo Rupestre da Pala Pinta foi classificado como Sítio de Interesse Público em 2010, por se constituir como um dos exemplos mais notáveis de abrigos com pintura esquemática da área transmontana.



 FRAGAS DA BOTELHIINHA

Fragas da Botelhinha

Em afloramentos graníticos dispersos emergem 12 rochas, magnificamente gravadas e enquadradas numa paisagem ampla e airosa, virada à depressão da Terra Quente e todo um ambiente castrejo e telúrico, disperso pelos municípios envolventes.

Nas rochas identificadas, inserem-se 25 painéis gravados, segundo a técnica de picotagem, exibindo assinalável variedade temática, composta por figuras antropomórficas, motivos ovóides, triângulos, covinhas, figuras em *Phigrego* e outras geometrias.

Localizadas na Serra da Botelhinha, na freguesinha de Pegarinhos, são um conjunto arqueológico e artístico incontornável na compreensão do mágico do Vale do Tua.



PRIMÓRIOS
Pão e Vinho

CLIMA

ABRIGO RUPESTRE DA PALA PINTA	CARLÃO - AMIEIRO / GPS: 41°17'47.8"N, 7°24'08.2"O	Arqueologia / Sítio de Interesse Público
ANTA DE FONTE COBERTA	VILA CHÃ / GPS: 41°20'05"N, 7°28'17"O	Arqueologia / Monumento Nacional
CAPELA N.ª Sª DA BOA MORTE OU DO PÓPULO E CRUZEIRO	PÓPULO / GPS: 41°22'18"N, 7°29'18"O	Arq. Religiosa / Monumento de Interesse Público
CASTRO DO PÓPULO	PÓPULO, ALIJÓ / GPS: 41°22'18"N, 7°29'19"O	Arqueologia / Imóvel de Interesse Público
CONJUNTO ARQ. LARGO PRAÇA E RUA DIREITA DE FAVAIOS	FAVAIOS / GPS: 41°15'56"N, 7°30'04"O	Arq. Civil / Conjunto de Interesse Público
IGREJA DE SÃO MAMEDE DE RIBATUA	SÃO MAMEDE DE RIBATUA / GPS: 41°14'53"N, 7°25'47"O	Arq. Religiosa / Imóvel Interesse Municipal
NECRÓPOLE MEGALÍTICA DO ALTO DAS MADORRAS	VILA VERDE (ALIJÓ), FIOZHOSO (MURÇA) / GPS: 41°23'35"N, 7°30'59"O	Arqueologia / Sítio de Interesse Público
PELOURINHO DE ALIJÓ	ALIJÓ / GPS: 41°16'35"N, 7°28'29"O	Marco Jurisd. / Imóvel de Interesse Público
PELOURINHO SÃO MAMEDE DE RIBATUA	SÃO MAMEDE DE RIBATUA / GPS: 41°15'01"N, 7°25'55"O	Marco Jurisd. / Imóvel de Interesse Público
SANTUÁRIO DO SENHOR DE PERAFITA	PERAFITA / GPS: 41°23'19"N, 7°32'31"O	Arq. Religiosa / Conjunto de Interesse Público



 PONTE ROMANA

Utilidades & Informações > Como chegar > Alijó

Local de Partida	Tempo	Distância	Itinerário
Carraceda de Ansiães	20 min	35 km	IC5 / N212
Mirandela	35 min	50 km	A4 / IC5 / N212
Murça	20 min	25 km	A4 / IC5 / N212
Vila Flor	30 min	45 km	IC5 / N212
Bragança	1h 10 min	110 km	A4 / IC5 / N212
Chaves	1h 5 min	95 km	A24 / A4 / IC5 / N212
Vila Real	30 min	40 km	A4 / IC5 / N212
Porto	1h 30 min	135 km	A4 / IC5 / N212
Lisboa	3h 45 min	410 km	A1 / IP3 / A24 / A4 / N212

Saúde e Segurança Número Nacional de Emergência 112 • Bombeiros – Linha Verde: 800 202 425

Centro de Saúde de Alijó Largo do Tapado • Alijó • Tel. 259 959 210 • ucsp.alijo@arsnorte.min-saude.pt

Guarda Nacional Republicana de Alijó Rua do Pombal • Alijó • Tel. 259 950 543

Informação Turística Avenida Conselheiro Teixeira de Sousa, 5 • Alijó • Tel. 259 950 095 • turismo@cm-alijo.pt



PORTA DE ENTRADA

CARRAZEDA DE ANSIÃES

À procura do Chasco Preto



A área municipal distribui-se em três grandes espaços, de características bem distintas: uma, planáltica, que se estende na continuação da plataforma de Vila Flor, uma outra, virada ao Douro, vincadamente vinhateira e, finalmente, uma mancha que se dobra sobre as colinas e se lança em precipícios sobre o Tua, evidenciando então um carácter mais natural e mais selvagem, contribuindo, deste modo, para a valorização dos recursos do Parque Natural.

Os granitos são preponderantes e deram fama ao concelho, os rios e ribeiras precipitam-se nos abismos, as aldeias situam-se nas pequenas plataformas abrigadas, o uso do solo é diverso, o clima e o relevo, a altitude e a vegetação existentes permitem identificar as nuances tipificadas de Terra Fria e Terra Quente.

Sedimentada nas primeiras comunidades agropastoris, à semelhança do que aconteceu noutros Municípios vizinhos, a sua história é longínqua e continuada, tendo chegado aos nossos dias testemunhos dessa marca humana. As pinturas da Fraga da Rapa, as antas, os castros, as divindades totémicas, os altares, o culto das

águas ferventes e os cultos solares e lunares inscritos nas fragas das ferraduras “...cheias de sinais de forma de arco, círculo e de cruz, acompanhados de outros alfabetiformes de tipo ibérico...” (Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança), transportam-nos a esse tempo distante.

Foi intensa a presença romana no Município e da mesma nos chegam as pontes, calçadas, fontes e altares, seguindo-se a fase das paróquias suevas, cuja paróquia ou unidade rural se designou, em Carrazeda, por *Pagus Auneco*, situado entre o *Pagus Pannonias* a ocidente e o *Pagus Vallearicia* a oriente.

É nesta cronologia alargada, difusa e muitas vezes débil em fontes disponíveis, que surge o Castelo de Ansillanes “... He esta vila e sua praça a mais antiga e nobre que tem e teve esta Provincia em tanto que todas as terras que há da Serra do Maram para cima athe ella na distancia de 10 legoas em que se comprehendem muitas terras e Vilas e a fermosa Vila Rial forão termo della...” (Memórias de Ansiães). É também à sua volta que se vai estruturar Ansiães, acolhendo também a presença árabe, a reconquista cristã, os Forais e



Inquirições que, desde D. Fernando Magno até D. Manuel, estruturam, regulamentam e afirmam um modelo de organização social, à medida da importância e da ambição dos povos de Ansiães.

O castelo de Ansiães situa-se no alto de uma colina, próximo de Lavandeira e nele se afirmou, na Idade Média, um centro urbano e reduto defensivo, fulcral na defesa transmontana e sentinela do rio Douro, dado o seu alinhamento com o castelo de Numão, seu vizinho do outro lado do rio. O seu apogeu e monumentalidade verifica-se nos séculos XIII e XIV, no período de forte instabilidade com Castela. A partir desse período, começa a debandada da população para os lugares mais baixos e mais funcionais e, em 1734, é transferida a Sede Municipal para Carrazeda, havendo ainda registo dos últimos residentes em 1758, pondo-se, a partir daí, termo a mais de 5000 anos de permanente ocupação humana. O castelo foi classificado como Monumento Nacional em 1910 e é um dos mais emblemáticos monumentos do interior norte de Portugal.

O CICA – Centro Interpretativo de Carrazeda de

Ansiães, situado no centro histórico da atual Vila, é o ponto de partida aconselhado para a abordagem turística e cultural deste Município. Através dele é possível ter um verdadeiro encontro com a história do território e viajar através das suas inscrições, estelas, cerâmicas, moedas e objetos de adorno.

Uma Lenda

O Túnel do Castelo de Ansiães

Reza a Lenda que, aquando da ocupação mourisca, viviam duas comunidades: uma no Castelo de Ansiães e outra, na margem sul do Douro, no Castelo de Numão. Segundo o imaginário popular, haveria um caminho subterrâneo que ligava as cisternas dos dois castelos, passando por baixo das encostas e leito do Douro, permitindo a comunicação entre os dois povos. Esta passagem só possível pelo imaginário mágico do “*tempo dos mouros*”, favoreceria a comunicação, as ligações de boa vizinhança e as fugas em caso de perigo, ouvindo-se ainda hoje, à entrada das cisternas o eco da cavalaria árabe a galopar, de forma desabrida, pelos serros do Douro. Vá e escute!



Curiosidades

Museu da Memória – Localiza-se em Vilarinho da Castanheira e, embora esteja já num contexto periférico do PNRVT, merece uma visita, pois contribui para um enriquecimento cultural, através das viagens sensoriais e do imaterial evocado a partir das tradições, dos saberes e dos múltiplos ofícios em desaparecimento.

Festa relevante

A Festa da Marrã da Lavandeira

Nos dias 15 e 16 de Setembro, quando as cores das folhas começam a dourar-se e o ar se impregna do cheiro a frutos maduros, decorre a romaria de St.ª Eufémia, que encerra o ciclo festivo do Verão. Tradicionalmente junta muito povo, uns para rezar e cumprir promessas, outros para comer, pois, como se afirma na região, *“a festa da Lavandeira sem marrã, não era festa”* e toda a aldeia se mobiliza para a festança de 2 dias, à volta dos grelhadores, dos porcos caseiros e do vinho de lavrador, à *“moda antiga”*, onde *“há 50 anos chegavam a estar pendurados à volta do largo da*

festa cerca de 80 porcos”.

Assim se mantém uma ancestral tradição transmontana, na qual se mistura sabiamente o sagrado e o profano.

Gastronomia

A Gastronomia de Carrazeda de Ansiães enquadra-se nas tipologias do Douro e Terra Quente e beneficia largamente das suas produções planálticas de castanha e maça.

Os folares, os enchidos, os assados no forno e os peixinhos de rio nas cotas ribeirinhas, favorecem uma grande variedade de paladares a que se associam vinhos de eleição das encostas durienses.

Um lugar imperdível

São Lourenço

Começa por ser um lugar de recolhimento e de silêncio. Talvez de abandono, de meditação e de magia que se presente logo que, deixamos o lugar do Pombal e iniciamos a descida pelo meio de um mosaico de culturas mediterrânicas que se



desdobram na encosta que vai ganhando vertigens até ao rio Tua. Os xistos coabitam com os granitos e os bosques são mediterrânicos e tendencialmente mais abruptos.

O cenário impressiona, as montanhas contraem o canhão geológico, as águas sussurram aos nossos pés e as encostas exibem florestas e matagais intactos, atestando verdadeiramente uma natureza expressiva. Mas, em S. Lourenço, dão-se os milagres da água, que jorra das paredes. O santo assiste aos pedidos de cura e aos banhos sagrados na água sulfurosa, água fervente que o antigo deus Bormânico aquece, na forja de Vulcano. É um misto de crenças que se apropriam de quem procura bálsamo e cura para o corpo, o espírito e o reencontro interior.

A magia envolvente é muito forte, porque está rodeada desse espírito tutelar, seja da Senhora da Cunha e dos seus cultos lunares, cujo perfil está à nossa frente, para os lados do Franzilhal, dos poderes das águas, da energia, da paz do lugar e ainda, subentendida por detrás da primeira montanha, o mágico abrigo da Pala Pinta e das suas fantásticas pinturas, verdadeiros *outdoors* milenares.

Por tudo isto, a S. Lourenço, não se deve ir condicionado pelo tempo, antes predisposto a sentir um toque nos sentidos, que nos permita catapultar para outros mundos que a paisagem codifica.



 ANTA DE VILARINHO

ANTA DE VILARINHO	VILARINHO CASTANHEIRA / GPS: 41°12'10"N, 7°12'54"O	Arqueologia / Monumento Nacional
ANTA DE ZEDES	CARRAZEDA ANSIÃES / GPS: 41°16'33"N, 7°17'37"O	Arqueologia / Sítio de Interesse Público
CASA DE SELORES	SELORES / GPS: 41°12'21"N, 7°17'40"O	Arquitetura Civil / Imóvel de Interesse Público
CASTELO DE ANSIÃES	SELORES / GPS: 41°12'13"N, 7°18'13"O	Arquitetura Militar / Monumento Nacional
FRAGA PINTADA DO CACHÃO DA RAPA	RIBALONGA / GPS: 41°13'20"N, 7°23'22"O	Arqueologia / Monumento Nacional
IGREJA DE LINHARES / SÃO MIGUEL	LINHARES / GPS: 41°12'13"N, 7°21'39"O	Arquitetura Religiosa / Imóvel de Interesse Público
IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA	SELORES / GPS: 41°12'13"N, 7°18'13"O	Arquitetura Religiosa / Imóvel de Interesse Público
IGREJA STA EUFÉMIA DE LAVANDEIRA	LEVANDEIRA / GPS: 41°11'36"N, 7°18'01"O	Arquitetura Religiosa / Imóvel de Interesse Público
PELOURINHO CARRAZEDA DE ANSIÃES	CARRAZEDA DE ANSIÃES / GPS: 41°14'42"N, 7°18'04"O	Marco Jurisdicional / Imóvel de Interesse Público
PELOURINHO DE ANSIÃES *	SELORES / GPS: 41°12'13"N, 7°18'13"O	Marco Jurisdicional / Monumento Nacional
PELOURINHO DE LINHARES	CARRAZEDA ANSIÃES / GPS: 41°12'23"N, 7°21'46"O	Marco Jurisdicional / Imóvel de Interesse Público
RUÍNAS DA IGREJA DE ANSIÃES	SELORES / GPS: 41°12'13"N, 7°18'13"O	Arquitetura Religiosa / Monumento Nacional
SOLAR DE SAMPAIO	CARRAZEDA DE ANSIÃES / GPS: 41°12'18"N, 7°21'36"O	Arquitetura Civil / Imóvel de Interesse Público

* Apenas existem fragmentos



Utilidades & Informações > Como chegar > Carrazeda de Ansiães

Local de Partida	Tempo	Distância	Itinerário
Alijó	20 min	35 km	IC5 / N212
Mirandela	40 min	40 km	N213 / N215 / IC5
Murça	30 min	40 km	A4 / IC5 / N214
Vila Flor	15 min	15 km	IC5 / N214
Bragança	1h 10 min	100 km	A4 / IP2 / IC5 / N214
Chaves	1h 15 min	115 km	A24 / A4 / IC5 / N214
Vila Real	40 min	55 km	A4 / IC5 / N214
Porto	1h 40 min	150 km	A4 / IC5 / N214
Lisboa	4h	420 km	A1 / IP3 / A24 / A4 / N214

Saúde e Segurança Número Nacional de Emergência 112 • Bombeiros – Linha Verde: 800 202 425

Centro de Saúde de Carrazeda de Ansiães Av. Eng. Camilo de Mendonça • Carrazeda de Ansiães • Tel. 278 610 050 • csczd@ulsne.min-saude.pt

Guarda Nacional Republicana de Carrazeda de Ansiães • Av. Eng. Camilo de Mendonça • Carrazeda de Ansiães • Tel. 278 610 020

Informação Turística Praça do CITICA • Carrazeda de Ansiães • Tel. 278 098 507 • lit@cmca.pt



PAÇOS DO CONCELHO

PORTA DE ENTRADA
MIRANDELA

Na busca das lendas e das alheiras



Em 1548, João de Barros localizava Mirandela *“logo adiante (da vila de Lamas de Orelhão) está o rio Tua que he grande e se vai meter no Douro, junto ao qual está a vila de Mirandella, com sua ponte muito boa e comprida que não há muito se fez...”*, atestando por esta via a datação da magnífica ponte de cantaria, de dezanove arcos redondos e em ogiva, embora haja quem sustente que o seu assentamento se possa ter verificado sobre uma outra do período romano. A este propósito, diz Pinho Leal (1847) que *“em frente da villa se ve lançada a formosa e extensa ponte de cantaria de 19 arcos que atravessa o Tua, cuja atribuição se attribue aos romanos. É a mais comprida das antigas pontes destereino”*.

Por sua vez, a cidade, outrora *“isolada e isolante (...) da Província Transmontana”* (Amorim Girão, 1949), era amuralhada e com castelo, sendo já citada, no *“numeramento do Reino”* de 1530, como estando em mau estado pois *“he cerqua e partes derribada”*, quando um século antes, com D. João I, ainda era considerada fortaleza, pese o facto dos restauros verificados, pois, *“he esta villa murada ao uso antigo*

com débil muro em partes arruinado, e nelle três portas ...”, das quais resta presentemente a de Santo António. É a capital da Terra Quente Transmontana, situa-se sobre o rio Tua e, geograficamente, insere-se numa depressão natural, rodeada de paisagens suaves, de solos férteis, culturas diversas, cerealíferas e mediterrânicas, o que confere ao território um aspeto de mosaico, de manta de retalhos, por onde se estende a vista e que, no Verão, ganha intensos tons dourados. O clima é de extremos, bem característico do Nordeste Transmontano, que, no dizer de Columbano Ribeiro da Costa, em 1796, tinha *“... ásperos e desabridos invernos, por causa dos grandes frios, neves, gelos e excessivos calores (...) porém é saudável e quase nunca há epidemias, é ardente, os ares são puros e não há águas estagnadas ou montuxos que as inquinem, he abundância de frutos sucosos suppre a falta de água...”*.

O rio Tua, veio central da Terra Quente e o seu lençol de água, onde convergem os mananciais do Rabaçal, do Tuela e da Ribeira de Carvalhais, refrescam e espelham a princesa, que por encantamento, amarra quem uma



só vez a mira, por ser bela, sedutora, enigmática e aberta aos povos.

É um Município de boas culturas e melhores tradições, reservatório, arquivo da memória e da identidade transmontana, terra de azeite, de amêndoa, de figos e de fumeiros, em que a alheira se destacou como uma grande marca nacional.

Mirandela está umbilicalmente ligada à família Távora, donatária da mesma e que legaram, dessa secular tutela, o magnífico solar, onde hoje está a Sede Municipal, bem enquadrada com a albufeira e o tabuleiro da ancestral ponte, presentemente reservada a uso pedonal.

O imenso poder dos Távoras, fulminantemente aniquilado pelo Marquês de Pombal, estendia-se a incontáveis áreas territoriais, ao recebimento de importantes rendas e até à imposição das próprias medidas, como aconteceu em 11 de Março de 1690 quando, na respetiva Sessão de Câmara, foi acordado *“fazer no prazo de um mês, uma rasa aferida pela usada na tulha do Marquês de Távora”*.

Hoje Mirandela orgulha-se da sua modernidade, da

sua centralidade geográfica e cultural e do seu magnífico espelho de água, que funciona como ponto de convergência cívica, social e desportiva.

Uma Lenda

A Lenda do Rei de Orelhão

Em tempos muito remotos, havia em Lamas de Orelhão, num castelo habitado pelos mouros, o famoso Rei de Orelhão, senhor absoluto e tirano dos termos de Mirandela, que tinha a particularidade de ter uma orelha de burro e outra de cão, como paga da sua maldade.

Tinha, contudo, uma avassaladora paixão por uma linda princesa, que habitava nas cristas rochosas da serra do Rei de Orelhão e que, apesar do intenso assédio movido pelo rei, conseguiu resistir e fugir para as terras baixas do rio Tua.

Vagueava triste e desconsolado pelas penedias o Rei de Orelhão e, fixando o olhar no horizonte distante, sucumbia numa profunda tristeza. Quando lhe perguntavam porque assim olhava tão longe, ele respondia:



- Estou à mira dela!

Nasceu, assim, o nome de Mirandela, a princesa do vale do Tua e, por isso, sempre que alguém a mirou, nela ficou, tal é o encantamento!

Mas, com a pressa da fuga, a bela princesa deixou a sua coroa nos abrigos da Serra do Rei de Orelhão, também conhecida por Serra de Passos, à espera que alguém a encontre.

Parta à descoberta dos mistérios e encantamentos do Vale do Tua!

Curiosidades

Chegou a ser importante a produção de seda em Mirandela, como afirmou Eusébio Esteves Dias, pároco da Vila em 1758, referindo que: “... *nella como no seu termo há muita criação do bicho da seda*”.

Na serra do Rei de Orelhão, entre Murça e Mirandela, existe um conjunto de pinturas esquemáticas pré-históricas, habitualmente conhecidas por “*abrigos do Regato das Bouças*” e que se situam em fendas ou abrigos rochosos da imponente falésia de xisto quartzítico, que se dispõe, de forma paralela, com o

traçado da autoestrada transmontana.

Festa relevante

Festa da Senhora do Amparo

A festa da Nossa Senhora do Amparo, padroeira de Mirandela, começa sempre a 25 de julho, com a feira do apóstolo Tiago e termina no primeiro Domingo de agosto, decorrendo desde 1794, quando, por ordem do juiz de fora da altura, se iniciou este culto, que compreendeu missa com exposição do Santíssimo Sacramento, sermão e procissão. Também foi feito um espetáculo de pirotecnia, contratado expressamente na cidade do Porto, gerando, a partir daí, um profundo entusiasmo e veneração, que se tem vindo a manter ao longo dos tempos. A par das expressões de fé, evidenciam-se as manifestações de carácter popular, de divertimento e de convívio, que se encerram com grandiosos espetáculos de pirotecnia. Esta manifestação de afirmação de uma vasta comunidade, atrai devotos, romeiros e foliões das freguesias envolventes, de municípios vizinhos, de emigrantes e de turistas que buscam o autêntico e a



experiência diferente. De referir também a famosa “Noite dos Bombos” realizada à sexta-feira, no dia anterior à festa, que atrai milhares de pessoas pelo da impacto e azáfama que gera.

Gastronomia

“De aves, a perdiz. Melhor, a codorniz. Mas se o porco voasse, não havia carne que lhe chegasse”.

A gastronomia é poderosa, dentro dos padrões da boa mesa transmontana, com destaque para os assados de borrego e cabrito, os pratos de caça, os folares de carne, os cozidos com suculentos produtos hortícolas, o azeite, o vinho e os derivados de porco (salpicões, linguiças, presuntos e as irrepetíveis alheiras, símbolo maior da gastronomia de Mirandela).

Alheira de Mirandela

É a suprema maravilha da gastronomia regional, que afirmou uma marca própria de grande reconhecimento nacional. Um ícone! Terá tido origem em finais do séc. XV, no quadro de perseguição movida por D. Manuel I aos judeus, surgindo como solução de engenhosa

resistência, no contexto de um refinado manual de sobrevivência, que o engenho aguçou. Cristãos novos forçados, mas fiéis aos seus hábitos alimentares que os impediam de consumir carne de porco, inventaram um enchido, então apenas composto por outras carnes, iludindo deste modo o olhar dos inquisidores.

Nasceu, deste modo, uma raridade, uma maravilha dos “comeres” portugueses, tendo sido a mais votada no concurso das 7 Maravilhas da Gastronomia Portuguesa, que decorreu em 2011.

Sinta o paladar das origens desta maravilha transmontana.



Lugar imperdível

Frechas

Frechas é um lugar onde a história e a Natureza se adensam! Inscrita num suave cabeço sobre o rio Tua e perdida nas memórias da história longínqua, o lugar faz-nos sentir bem. Acompanhou toda a história da ocupação humana na região e viu passar todas as águas de um rio cristalino. Com ele, estabeleceu profundos laços de cooperação, usando a sua frescura, a sombra do seu arvoredo, as águas que irrigaram terrenos, hortas e engenhos. Viu passar à sua porta estradas e comboios. De todos estes acontecimentos, guarda uma memória. *Venha partilhá-la.*



 PONTE VELHA

ABRIGOS RUPESTRES REGATO BOUÇAS	SERRA DOS PASSOS / GPS: 41°28'11"N, 7°16'46"O	Arqueologia / Imóvel de Interesse Público
CASTRO DE SÃO BRÁS	TORRE DE DONA CHAMA / GPS: 41°39'17"N; 7°07'14"O	Arqueologia / Imóvel de Interesse Público
CASTRO DE SÃO JUZENDE	MÚRIAS, MIRANDELA / GPS: 41°35'48"N, 7°06'31"O	Arqueologia / Imóvel de Interesse Público
IGREJA DE AVANTOS / SANTO ANDRÉ	AVANTOS / GPS: 41°32'38"N; 7°05'52"O	Arquitetura Religiosa / Imóvel de Interesse Público
IGREJA DE SÃO MAMEDE / GUIDE	GUIDE / GPS: 41°38'18"N; 7°08'59"O	Arquitetura Religiosa / Imóvel de Interesse Público
IGREJA MATRIZ DE SÃO TOMÉ	ABAMBRES / 41°33'35"N; 7°11'04"O	Arquitetura Religiosa / Imóvel de Interesse Público
IGREJA MISERICÓRDIA DE MIRANDELA	MIRANDELA / GPS: 41°29'10"N; 7°10'54"O	Arquitetura Religiosa / Imóvel de Interesse Público
PAÇO DOS TÁVORAS	MIRANDELA / GPS: 41°29'07"N; 7°10'56"O	Arquitetura Civil / Imóvel de Interesse Público
PELOURINHO DE ABREIRO	ABREIRO / GPS: 41°21'04"N; 7°17'42"O	Marco Jurisdicional / Imóvel de Interesse Público
PELOURINHO DE FRECHAS	FRECHAS / GPS: 41°24'42"N; 7°09'50"O	Marco Jurisdicional / Imóvel de Interesse Público
PELOURINHO DE LAMAS DE ORELHÃO	LAMAS DE ORELHÃO / GPS: 41°26'24"N; 7°17'21"O	Marco Jurisdicional / Imóvel de Interesse Público
PELOURINHO TORRE DE DONA CHAMA	TORRE DE DONA CHAMA / GPS:41°39'08"N; 7°07'38"O	Marco Jurisdicional / Imóvel de Interesse Público
PONTE DE PEDRA, SOBRE O RIO TUELA	TORRE DONA CHAMA/ GPS: 41°39'56"N; 7°08'44"O	Arquitetura Civil /Monumento Nacional
PONTE SOBRE O TUA - "PONTE VELHA"	MIRANDELA / GPS: 41°29'05"N; 7°11'05"O	Arquitetura Civil / Monumento Nacional
PORTA STO ANTÓNIO - CASTELO	MIRANDELA / GPS: 41°29'08"N; 7°10'58"O	Arquitetura Militar / Imóvel de Interesse Público
SOLAR DOS CONDES DE VINHAIS	MIRANDELA / GPS: 41°29'10"N; 7°10'53"O	Arquitetura Civil / Imóvel de Interesse Público



Utilidades & Informações > Como chegar > Mirandela

Local de Partida	Tempo	Distância	Itinerário
Alijó	35 min	50 km	N212 / IC5 / A4
Carraceda de Ansiães	40 min	40 km	IC5 / N215 / N213
Murça	25 min	30 km	A4
Vila Flor	25 min	25 km	N213
Bragança	45 min	60 km	A4
Chaves	50 min	50 km	N213
Vila Real	45 min	60 km	A4
Porto	1h 40 min	150 km	A4
Lisboa	4h	430 km	A1 / IP3 / A24 / A4

Saúde e Segurança Número Nacional de Emergência 112 • Bombeiros – Linha Verde: 800 202 425

Unidade Hospital de Mirandela Av. Nossa Senhora do Amparo • Mirandela • Tel. 278 260 500 • administracao@mirandela.min-saude.pt

Polícia de Segurança Pública de Mirandela Avenida 25 de Abril, nº 660 • Mirandela • Tel. 278 260 000

Informação Turística Rua D. Afonso III • Mirandela • Tel. 278 203 143 • postodeturismo@cm-mirandela.pt



PORTA DE ENTRADA

MURÇA

Em honra dos Berrões



A vila de Murça situa-se numa zona aplainada e fecunda, de transição para o vale do Tua, área em que as culturas afirmam já a sua identidade duriense. O visitante atento poderá, através dos testemunhos evidenciados na paisagem e pela densidade do imaginário, acompanhar a ocupação humana no concelho a partir das primeiras presenças de habitats organizados, refletidos nas primeiras ocupações do castro de Palheiros, há cerca de 5 000 anos.

Durante este tempo longo se afirmam múltiplas realidades, em que sobressaem antas e madorras, castros, calçadas e vias, fontes, forais, pelourinhos, igrejas, casas solarengas, um convento beneditino e demais elementos arquitetónicos. Através deles, se afirmam também oito séculos da história de Portugal. Deixe-se conduzir pelos trilhos da história e deambule por antigas vias imperiais romanas ou pelas experiências gastronómicas, degustações de vinhos e azeites de eleição e da natureza intacta das raridades do Tinhela.

Uma Lenda

Lenda da porca a quem chamavam ursa

Nos finais do séc. XVII, o Padre Carvalho da Costa apresenta uma descrição da lenda, então contada em Murça. É uma relíquia que se transcreve:

“Está nesta Villa defronte da praça della em pedra grande a forma de um Usso, cuja significação (dizem seus moradores) he sertão antiga a Casa dos Donatários desta Villa antes que os Mouros tivessem o vencimento da batalha, que ganharão a El Rey D. Rodrigo nos campos de Guadalete no ano de 714, E com os que escaparão della se retirarão a Galliza, Asturias, montanhas de Burgos, se fizerão os Mouros em oito mezes senhores de toda a Espanha; passados muitos annos os progenitores desta Casa tornarão a ganhar esta Villa, e as duas, que mais tem nesta Comarca, (que dizem seus antepassados tinham) aos Mouros, e segundo a tradição no tempo del Rey Dom Affonso o Primeiro de Castella no anno de 757. E achando a terra povoada de Ursos, que destruirão as colmeas, fizerão delles montarias, e os montarão, em conjunto reconhecimento os oradores, além de foros de pão,



vinho e dinheiro atrás referidos, lhe pagão os tres arrateis de cera em satisfação do beneficio recebido: depois levantavão gente paga à sua custa para as guerras, e selhes fazia seu assento ao pé deste Usso, com que ganharão nove castellos, que tem este termo, povoados, e sustentados pelos Mouros naquele tempo.”

À lenda sobrepõe-se a história:

“a villa de Murça tem um urso em frente da praça, em memória de muitos que mataram no ano de 757” (Dicionário Abreviado da Chorografia de Portugal).

A milenar figura zoomórfica continua a manter o seu carácter sagrado e totémico para o povo da Terra, assumindo-se como um elemento identitário da vivência e sentir comunitário. Aliás, ela encerra o alinhamento cívico da centralidade concelhia, alinhando-se com a Câmara Municipal, a sua praça e pelourinho, a que se segue a Igreja Matriz renunciando a praça, centro da secular cidade onde, desde 1912, se exhibe o símbolo maior de Murça. Chamada de urso, ursa, hipopótamo, elefante, javali e porca. Mas, afinal, o animal é um porco ou melhor um

berrão bem evidenciado pelos seus atributos sexuais. Curiosamente, além de ter tido vários nomes, a “porca” sofreu igualmente com os acidentes da história portuguesa e aí todos se atiravam à dita, pintando-a de azul com os “regeneradores” ou de “vermelho” se os progressistas fossem preponderantes. Com a chegada da República passou a ser pintada de vermelho e verde e, quando em 1927, o julgado de Murça foi extinto e integrado no de Alijó, os murcenses manifestaram a sua indignação e luto, pintando a “porca” de preto e branco. De “rosa” ou “laranja” ainda não foi pintada!

A “porca” é o símbolo incontestado dos naturais desta localidade, um fator de identificação e de apego a uma verdadeira divindade de pedra que acabou por se sobrepôr em notoriedade aos outros elementos da municipalidade, como seja o Município, a praça, o pelourinho e a Igreja Matriz.

Historicamente, a “Porca de Murça”, é o último grande berrão conhecido a ocidente do rio Tua e está inserido num conjunto alargado de cerca de duzentos exemplares, muito presentes na Meseta e



Estremadura espanhola e em Portugal, limitados às regiões da Beira Interior e do interior Transmontano, correspondendo, segundo as fontes clássicas, ao território dos Vetões, que era um povo que ocupou um vasto território do interior ibérico.

Esta praça e tudo o que envolve a “*Porca de Murça*”, enquadra o cenário ideal para o início de descoberta deste belo Município. Os seus naturais, chamam-lhe “*Terra de Encanto*”. Experimente e comprove!

Curiosidades

Curvas de Murça

Situam-se na antiga estrada nacional que ligava Vila Real a Murça e configuravam um dos mais marcantes itinerários da região, desenhado em curvas e serpenteados que chegavam até à ponte sobre o rio Tinhela, já próximo da entrada de Murça.

Via Romana

A sul do traçado das Curvas de Murça e no alinhamento com os centenários eucaliptos, à entrada da vila, desenvolve-se o traçado de uma impressionante

calçada, via romana e ponte, encravadas nas profundezas do rio Tinhela. Faça este percurso num ambiente de natureza e de história.

Necrópole Megalítica do Alto das Madorras


A Necrópole Megalítica do Alto das Madorras, situa-se na fronteira noroeste de Murça, onde limita com o concelho de Alijó, evidenciando a sua função funerária, o seu carácter simbólico/religioso e um inegável valor patrimonial, que engrandece o imaginário do Vale do Tua.

Festas e Eventos relevantes:

Festa de São Domingos – a festa tradicional em honra a São Domingos, realiza-se anualmente no 2º fim-de-semana de julho, no morro de São Domingos.

Feira do Azeite e do Vinho – Esta feira decorre anualmente no 2º fim-de-semana de maio.



 CASTRO DE PALHEIROS

Gastronomia

O toucinho do céu e as queijadas são especialidades murcenses, herdadas dos segredos culinários do extinto mosteiro. Não deixe de provar!

Um lugar imperdível - O Castro de Palheiros

O Castro de Palheiros é um povoado proto-histórico, localizado num sítio excecional, soerguido num pico ou arriba bem visível na denominada “*bacia de Mirandela*”, situado a Sudeste da aldeia com o mesmo nome e, geologicamente, enquadra-se próximo da zona de fronteira entre rochas metassedimentares e granitos. A aproximação ao promontório faz-se através de uma paisagem matizada de pinhais e estevais, de culturas de oliveiras e amendoais e finalmente, através de uma encosta de características bem mediterrânicas, pejada de rosmaninhos, de azinheiras e de mais espécies autóctones. A ocupação deste cabeço, embora remonte ao Calcolítico e com abandono nos finais do III milénio aC, acabou por ser reocupado e de forma mais intensa já na Idade do Ferro, por volta do séc. V aC.

A ocupação urbanística e espacial, enquadrada pelos taludes pétreos, adequou-se à topografia do morro e sedimentou-se durante uma longa cronologia temporal, que terá terminado já no séc. I dC, altura em que um incêndio terá dizimado todo o povoado.

Das intervenções arqueológicas realizadas, resultou importante acervo de fragmentos e objetos, que poderão ser visitados no Centro Interpretativo do Castro de Palheiros, integrando um espaço museológico, que funciona *in situ* e, a partir do qual, se tem uma perceção da posição estratégica que ocupa, dominando o olhar em todas as direções, impondo-se no quadro da geografia castreja do vale do Tua.

Finalmente, este promontório tem uma acrescida e complementar importância, como lugar de visita, de miradouro, de usufruto, de contemplação da natureza e como excelente observatório de estrelas, de plantas, de aves e de “*leitura*” geológica, bem assinalada na sua característica crista quartzítica.

Um assomo de grandiosidade telúrica na Terra Quente Transmontana, de onde se pode ter uma deslumbrante vista sobre o Vale do Tua e para as serras



da Garraia e de Passos.

A partir do Castro, poderão ser observadas múltiplas espécies, com destaque para as aves de rapina, aves migradoras e também algumas espécies de répteis que encontram nos pedregulhos e penedias o seu espaço de habitat natural.



CAPELA DA MISERICÓRDIA

MURÇA / GPS: 41°24'12"N, 7°27'17"O

Arquitetura Religiosa / Imóvel de Interesse Público

CASTRO DE PALHEIROS

CRASTO, PALHEIROS / GPS: 41°24'10"N, 7°22'49,"O

Arqueologia / Sítio de Interesse Público

EUCALIPTO DE MURÇA

MURÇA / GPS: 41°24'04"N, 7°27'53,"O

Monumento Vivo / Árvore de Interesse Público

EUCALIPTO DE PALHEIROS

PALHEIROS / GPS: 41°25'04"N, 7°24'13"O

Monumento Vivo / Árvore de Interesse Público

NECRÓPOLE - ALTO DAS MADORRAS

FIOLHOSO (MURÇA) / GPS: 41°23'36"N, 7°30'58"O

Arqueologia / Sítio de Interesse Público

PELOURINHO DE MURÇA

MURÇA / GPS: 41°24'27"N; 7°27'13"O

Marco Jurisdicional / Monumento Nacional

PONTE E VIA ROMANA - RIO TINHELA

EN 15 / GPS: 41°24'04"N, 7°27'53"O

Arquitetura Civil / Imóvel de Interesse Público



 PONTE SOBRE O RIO TINHELA

Utilidades & Informações > Como chegar > Murça

Local de Partida	Tempo	Distância	Itinerário
Alijó	25 min	25 km	N212 / IC5 / A4
Carrazeda de Ansiães	35 min	40 km	IC5 / A4
Mirandela	25 min	30 km	A4
Vila Flor	35 min	50 km	IC5 / A4
Bragança	55 min	85 km	A4
Chaves	1h	90 km	A24 / A4
Vila Real	30 min	35 km	A4
Porto	1h 25 min	130 km	A4
Viseu	1h 15 min	115 km	A24 / A4

Saúde e Segurança Número Nacional de Emergência 112 • Bombeiros – Linha Verde: 800 202 425

Centro de Saúde Murça Avenida Ines Bracarini Breia • Murça • Tel. 259 510 400 • E-mail. ucspmurca@arsnorte.min-saude.pt

Guarda Nacional Republicana de Murça Bairro da Cortina Nova • Murça • Tel. 259 511 563

Informação Turística Alameda 8 de Maio • Murça • Tel. 259 510 139 • turismo@cm-murca.pt




PORTA DE ENTRADA

VILA FLOR

Onde se glorifica a paisagem



 FORNO DE SECAR FIGOS

A antiga “Póvoa d’Álem Sabor” atesta as origens remotas do povoado medieval, anterior à fundação da Nacionalidade e assim designada pela centralidade castelhana, passando a chamar-se Vila Flor no reinado de D. Dinis, que se quedou de espanto perante a exuberância, a beleza do local e o florido que a envolvia. Assim se rebatizou a Vila e afirmou o seu estatuto de praça amuralhada, com 5 portas, das quais apenas resta uma, que, por coincidência, se designa Arco de D. Dinis.

Após este reconhecimento real, militar e conseqüente impulso urbano, a Vila entrou numa assinalável trajetória de desenvolvimento económico, assente no comércio, na agricultura, nas manufaturas de curtumes e de ourivesaria, suportados numa reconhecida dinâmica tradicionalmente ligada aos judeus que desenvolveram muita da actividade no interior Transmontano, até ao reinado de D. Manuel I.

Hoje, um pouco por todo o Concelho de Vila Flor, podemos encontrar fontes de mergulho, solares brasonados, janelas e casas medievais, cruzeiros, miradouros, santuários, igrejas e capelas (românicas e

barrocas), antigos lagares de vinho e de azeite, entre artes e ofícios, o “saber fazer” das nossas gentes e curiosidades típicas de cada localidade, perpetuadas através das gerações, como símbolos da herança histórica e cultural, vestígios que o tempo não apagou e que representam um inquestionável valor patrimonial. Naturalmente que a ocupação humana foi intensa e bem mais antiga no termo de Vila Flor, como atestam múltiplos testemunhos arqueológicos refletidos em atalaias, castros, abrigos, arte rupestre, antas, esculturas zoomórficas, habitats romanos e valioso património imaterial. Este somatório de evidências vincularam fortemente as comunidades aos lugares e neles se perpetuaram, desenvolvendo esse interminável vínculo às origens. O apelo da nossa Terra!

Contudo as origens mais remotas da Vila estarão no cabeço da Senhora da Assunção, situado na freguesia de Vilas Boas, onde outrora se implantou um magnífico castro nos limites ocidentais do povo *Zoelae* (Zelas), no qual se encontrou o famoso Torques de Vilas Boas e que, no dizer de Santos Júnior (1965), é “o mais belo de quantos Torques se conhecem na Península



■ ■ IMPERADOR AZUL

Ibérica e fora dela”

Conheça o relato do achamento deste Torques registado pelo mesmo investigador:

“(...) andava um lavrador a lavar e agarrou e tirou aquilo (o Torques) da charrua (...). E o homem que não sabia o que era e que agarrou com a vara de andar a tocar as crias, agarrou com ele e ... Toca! (...) Atirou com aquilo para o prédio do outro ali pegado. E então, o que acontece? O outro, quando foi para lavar, foi mais esperto que ele: viu aquilo no cimo da terra (...) deitou-lhe as mãos a limpar aquilo que foi ver... Era o que contava!”

E, para reforçar categoricamente aquilo que contava (o Sr. Joaquim da Silva Amaral) quanto ao aparecimento do Torques levado de rojo diante da charrua com que labrava a terra das Tamancas, tirou o chapéu e, voltado para o cabeço onde se ergue a bela igreja de Nossa Senhora da Assunção, numa atitude espetacular de impressionante vibração, afirmou, quase gritando: *“se eu não vi isto como digo, que Nossa Senhora da Assunção me tolha de pés e mãos e ainda eu estoire aqui como um boneco!”*

Este povo organizado em *Ordo*, que corresponde ao seu

estatuto tribal alargado, pertencente aos Astures do sul, foi descrito por Plínio e ocuparia a parte oriental de Trás-os-Montes a seguir ao Tua e ao Mente, confinando a sul com o Douro e a oriente pela meseta castelhana nas áreas de Aliste e de Zamora. Este grande território, que lhe é atribuído, faz compreender melhor o carácter de subagrupação do povo Asture e com maior dimensão que as tribos tradicionais, tendo a sua centralidade tribal, política e religiosa em Castro de Avelãs, comprovado pela lápide dedicada ao deus *Aerno*, protetor dos Zelas e senhor dos ventos do norte. Do legado deixado pela *Ordo Zoelae*, chegou até nós a tésseira hospital de Astorga de 27 dC e renovada em 152, através da qual duas gentilidades ou clãs dos Zoelas estabelecem um pacto de hospitalidade perante o seu magistrado Abienus e, em consequência, renovaram o *“velho e antigo pacto de hospitalidade e neles todos se acolheram uns a outros em confiança e recíproca clientela (proteção), sua e de seus filhos e descendentes...”*.

Este pacto de hospitalidade, evidenciado na denominada *“Tabula”* ou *“Pacto dos Zelas”*, pode muito bem, conter os germens e as bases da franqueza



transmontana, da sua predisposição solidária e do “entre quem é” do Reino Maravilhoso Torguiano e da qual Vila Flor deve reivindicar essa herança.

Sabia que esta tésseira foi encontrada em Astorga e está depositada no Museu de Berlim?

Uma Lenda

Na histórica Vila de Freixiel, terra da força e do poder judicial antigo, existe, do outro lado do vale, um remoto castro bem dissimulado na paisagem natural. Esse castro, de onde terá tido origem o povoado de Freixiel, alimentou ao longo de gerações o imaginário popular através do qual se atestava que nas manhãs do Solstício de Verão se ouvia o som de um tear, no qual as mouras teciam os seus panos de encantamento. Esta presença da simbólica mourisca era referida, também em agosto, quando, nas noites encantadas de lua cheia, se viam as mouras a apanhar figos. Refira-se que a produção destes frutos era, outrora, muito assinalável e que, a atestar tal facto, perduram ainda na paisagem vários fornos de os secar, que são relevantes joias da arquitetura vernacular do Vale do Tua.

Festa relevante

Festa da Sr.ª da Assunção – Esta festa decorre em agosto, entre os dias 13 e 15, atraindo milhares de romeiros de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Gastronomia

Capital do Azeite, Vila Flor preserva a genuinidade dos verdadeiros sabores transmontanos onde sobressaem o queijo terrincho, os folares, o borrego assado no forno, peixes do rio e caça dos montes.

Curiosidades

Fonte Romana de Vila Flor

É uma fonte quinhentista, com 4 pilares e 6 colunas, encimadas por uma cúpula de tijolo. O conjunto apresenta um carácter singular, pela sua raridade e importância histórica, o que lhe granjeou a classificação como Monumento de Interesse Público. É um elemento simbólico, identificador de espaços urbanos de convívio, de partilha e de sociabilidades associadas.



Linho zoélico

Sabia que era famoso em Roma o linho do povo Zoelae como refere Plínio no séc. I dC, informando que *“de não há muito da mesma Hispânia vem à Itália o linho zoélico utilíssimo para redes”* enquanto Estrabão referia o uso do linho nas coiraças dos Lusitanos, denotando já a importância da sua agricultura?

Castro de Vilas Boas

Do castro de Vilas Boas proveio, também, a escultura zoomórfica do berrão exposto no Museu de Vila Flor, que acentua o perfil continuado de elevados símbolos pré e proto-históricos de relevante transversalidade territorial, de afirmação de uma lógica histórica e de coesão no contexto do PNRVT. Hoje, o que outrora constituiu um grandioso castro que afirmava o poder dos Zelas no seu limite ocidental, foi, como muitos outros, sacralizado com a devoção à Senhora da Assunção, que se configura como o maior santuário mariano de Trás-os-Montes, outrora espaço de adoração de Aerno, mantendo o lugar esse sentimento mágico e quase intemporal.

Neste santuário cuja devoção e festividade estão muito ligadas à atividade agrícola, existiam um elevado número de *ex-votos* testemunhando, através das pinturas, grandes milagres reconhecidos pelo povo, que foram, na sua maioria, queimados por não haver espaço para os guardar. Dessa coleção restam uns poucos exemplares, que podem ser observados no santuário, bem como figuras em cera de animais (porcos, vacas e burros), a quem a Senhora da Assunção acudiu nas suas maleitas. Uma outra curiosidade, já desaparecida no Santuário, prendia-se com o pagamento de promessas em cereal, que era despejado dentro da capela principal, no alto da colina, para grandes tulhas graníticas, que ficavam escondidas no piso inferior do santuário. Também elas, por motivos de melhoria da funcionalidade do local, acabaram por desaparecer, perdendo-se, deste modo, elementos identitários de uma festividade marcadamente rural.




Lugar imperdível

Percurso pedonal Vilarinho das Azenhas - Ribeirinha

Em todo o Vale do Rio Tua não existe percurso mais plano, mais verdejante e mais equilibrado com a paisagem humanizada, como a estrada térrea que liga estas localidades, em permanente convívio com o rio selvagem e a linha do caminho-de-ferro. É uma joia da oferta natural do Parque e que justifica uma visita por ser um santuário inigualável da paisagem ribeirinha.



 FORCA DE FRÉIXEL

ANTIGA FORÇA DE FREIXIEL	FREIXIEL / GPS: 41°19'01"N, 7°14'20"O	Arquitetura Civil / Imóvel de Interesse Público
ARCO DE D. DINIS - CASTELO VILA FLOR	VILA FLOR / GPS: 41°18'22"N, 7°09'06"O	Arquitetura Militar / Imóvel de Interesse Público
CASA COSTA MORAIS	VILA FLOR / GPS: 41°18'32"N, 7°09'16"O	Arquitetura Civil / Imóvel de Interesse Municipal
FONTE DE VILA FLOR "FONTE ROMANA"	VILA FLOR / GPS: 41°18'20"N, 7°09'05"O	Arquitetura Civil / Imóvel de Interesse Público
PELOURINHO DE FREIXIEL	FREIXIEL / GPS: 41°18'57"N, 7°14'51"O	Marco Jurisdicional / Imóvel de Interesse Público
PELOURINHO DE VILA FLOR	VILAS BOAS / GPS: 41°18'25"N, 7°09'09"O	Marco Jurisdicional / Imóvel de Interesse Público
PELOURINHO DE VILAS BOAS	VILAS BOAS / GPS: 41°20'47"N, 7°11'42"O	Marco Jurisdicional / Imóvel de Interesse Público
QUINTA DO VALONGO	VILA FLOR / GPS: 41°18'25"N, 7°09'09"O	Arquitetura Civil / Imóvel de Interesse Municipal
SÍTIO ARQUEOLÓGICO CABEÇO DA MINA	CABEÇO DA MINA, LODÕES / GPS: 41°18'57"N, 7°14'51"O	Arqueologia / Sítio de Interesse Público



Utilidades & Informações > Como chegar > Vila Flor

Local de Partida	Tempo	Distância	Itinerário
Alijó	30 min	45 km	N212 / IC5
Carraceda de Ansiães	15 min	15 km	N214 / IC5
Mirandela	25 min	50 km	A4 / IC5 / N212
Murça	20 min	25 km	N213
Bragança	1h	80 km	A4 / IP2
Chaves	1h 15 min	120 km	A24 / A4 / IC5
Vila Real	45 min	65 km	A4 / IC5
Porto	1h 40 min	160 km	A4 / IC5
Lisboa	4h	425 km	A1 / IP3 / A24 / A4 / IC5

Saúde e Segurança Número Nacional de Emergência 112 • Bombeiros – Linha Verde: 800 202 425

Centro de Saúde de Vila Flor Av. Dr. Francisco Guerra • Vila Flor • Tel. 278 510 000 • csvlf@ulsne.min-saude.pt

Guarda Nacional Republicana de Vila Flor Rua de São Martinho • Vila Flor • Tel. 278 518 130

Informação Turística Rua da República , 37 • Vila Flor • turismo@cm-vilafior.pt

GRANDE ROTA

PNRVT





Grande Rota do Parque Natural Regional do Tua

A “Grande Rota do Parque Natural Regional do Vale do Tua” que propomos inicia-se e termina em Mirandela, mas pode iniciar-se e terminar em qualquer outra “Porta de Entrada”. Através dela o turista entra em contacto com diversas experiências de natureza paisagística, ambiental e natural.

Venha e deambule por um Território Singular!

Saindo de Mirandela, a estrada acompanha o rio e a linha da CP, levando-nos pelas antigas terras de Ledra, até à localidade de Frechas, a 11 km da sede municipal, que se dispõe num pequeno outeiro que bordeja a tranquilidade do rio.

Antigo município, Frechas beneficia das magníficas condições climatéricas e de solo, amarrando ao local, durante milénios, os Homens que aqui foram chegando a este aprazível local.

O Foral manuelino e o pelourinho atestam a sua importância medieval e o conjunto edificado típico da região, permite, no entanto, que se evidenciem algumas casas solarengas bem enquadradas com a

envolvência do rio, dos olivais, hortas e pomares que reforçam o ambiente puro e tranquilo do local.

À procura da Fonte dos engaranhados

Saindo de Frechas e chegados ao Cachão, toma-se uma estrada municipal em direção a Vale de Sancha, pequeno e histórico lugar. É uma subida graciosa com a presença de oliveiras e amendoeiras, que se espriam no vale inclinado, enquadrado por dois torreões rochosos, policromados, como se fossem sentinelas de um recanto mágico desta terra transmontana.

O que aqui nos traz é a secular procura da fonte dos engaranhados, como antigos romeiros que, vindos de longe, procuraram o milagre das águas na bica e pequeno tanque de imersão, onde se lavavam as crianças debilitadas e se invocava a proteção da Sr.^a do Aviso, que está logo acima com as suas mós e vestígios castrejos.

Aqui fala-se do poder curativo das águas e do modo de proceder na romaria. Depois de mergulhada ou lavada, a criança era apresentada no altar da Santa e se

chorasse viveria, enquanto que se ficasse em silêncio morreria do mal que trazia.

A Capela da Sr.^a do Aviso tem romaria no terceiro Domingo de agosto, situa-se num interessante miradouro, ao qual se acede por um percurso térreo.

Deixando para trás o Vale de Sancha e regressados ao Cachão, toma-se a estrada para Vilarinho das Azenhas, que é um dos mais belos trechos ribeirinhos do Vale do Tua. Com envolvimento geográfico natural, o rio é uma permanente companhia. É uma extraordinária balada para o espírito contemplativo.

Este é um interessante percurso para a observação de natureza e local conhecido de pesca. Pode atravessar a bela ponte e subir 2 km para ter uma vista panorâmica sobre a terra das azenhas e olivais.

Regresse a Vilarinho e siga a estrada que o levará a Vilas Boas.

Esta localidade tem origem remota muito associada ao magnífico castro, hoje praticamente desaparecido como resultado da implantação do maior santuário mariano de Trás-os-Montes, o Santuário da Sr.^a da Assunção. Restam apenas reduzidos vestígios de

muralhas, algumas destruídas há pouco tempo para se alargar as plataformas para o estacionamento. Este Castro está situado num extraordinário cabeço, que permitia garantir uma posição estratégica num vasto território dos povos Zela, que, no vale do Tua, tinha a sua fronteira com a federação Grovia ocidental, onde foi encontrado um berrão e, sobretudo, um magnífico colar em ouro – o mundialmente conhecido “*Torques de Vilas Boas*”.

Desde a Idade Média que a localidade possui o seu pelourinho, várias casas brasonadas, a fonte e um cruzeiro.

Regresse a Vila Flor, visite o Museu e, sobretudo, o Miradouro da Sr.^a da Lapa, com vista ampla sobre a Vila e incontornáveis planuras e serranias. Um doce mosaico luminoso, onde se esquecem as palavras e o silêncio fala.

Volte à estrada e tome a direção de Freixiel, junto a uma exploração de inertes. A descida é suave por entre um interessante bosque de zimbros e, aos poucos, surgem áreas de cultivo. Mais à frente, numa bacia fértil e marcadamente mediterrânica, espraia-se

a orgulhosa e justiceira Freixiel, terra de fontes, de antigas sepulturas, de um pelourinho, de um castro fronteiro e da sua arrepiante força, símbolo do poder judicial do antigo concelho.

São vários os fornos de figos que se encontram dispersos na paisagem. Interessantes arquiteturas vernaculares.

Por uma estrada municipal, siga para Zedes que apresenta uma Anta como seu elemento arqueológico distintivo. Depois continue para Carrazeda de Ansiães, terra da maçã e do vinho. Aqui tem um conjunto de ofertas disponíveis, devendo para o efeito consultar um ponto de informação turística.

A Rota continua até ao castelo de Ansiães e é obrigatória a visita a Selores e Lavandeira. O castelo justifica uma visita bem preparada, com tempo para sentir o lugar, que é verdadeiramente excepcional.

Se procurar um miradouro para contemplar o Douro vinhateiro, desça um pouco mais e contemple uma das suas maravilhas – o miradouro da Rota do Douro.

A Grande Rota regressa por Marzagão e Linhares, terras de muita história, de hospitalidade e de

Parambos, que tem produção de compotas e bolachas indescritíveis. Mergulhe na essência destes lugares. Continue por Castanheiro e contemple, a partir do miradouro do Senhor da Boa Morte, a encosta mais selvagem do rio Tua, pejada de sobreiros, de carrascos, de estevas e demais espécies mediterrânicas, que povoam intensamente os montes graníticos.

A partir daqui, deixa-se o carácter planáltico e começa a descida em doce vertigem pelas encostas soalheiras de Ribalonga, nas quais se inscrevem as diversas fases de moldagem dos solos aráveis e dos seus vinhedos de encantar. Contemplam-se assim as abas do Douro, as Fragas da Rapa e o movimento ribeirinho, que nos espera mais abaixo em Foz Tua.

Foz Tua – Um histórico entreposto *“Aí, onde o Tua desagua no Douro, está huma povoação chamada Foz Tua, com armazéns para cargas e descargas das fazendas que pelo mesmo rio Douro sobem e descem em barcos para a cidade do Porto”* (memórias de Marzagão). E continua a descrição: *“Tem este porto seus areais e nele se ajuntam muitas vezes mais de 30*



 CASTANHEIRO

barcos e carregam 50 pipas cada um” (memorialista de Castanheira) “bem como significativas cargas do raro sumagre que, a partir daqui, eram distribuídos para várias regiões, incluindo Castela”.

Foz Tua é uma verdadeira porta de entrada no vale do Tua, devido ao seu interface de mobilidade fluvial, ferroviário e viário. Aí se situa a infraestrutura da barragem e se mantém suspensa, na encosta granítica, a magnífica estrutura metálica, que suportava a linha dos caminhos de ferro e se configura como uma assinalável obra de engenharia e do esforço humano.

Nesta localidade existem espaços de restauração, transfers e aqui termina o circuito da viagem do *“Comboio Histórico”*, que funciona de junho a outubro, corporizando uma das mais emblemáticas ofertas do Douro. *Uma experiência imperdível!*

Experimente!

Pés ao caminho! A Rota continua, agora com a subida pelas encostas ribeirinhas de Alijó na companhia das águas do Tua. Se for necessário ter uma refeição, procurar alojamento ou uma esplanada para refrescar,

siga até Alijó e, daí, num pequeno impulso entra-se em Favaios. Experimente a ambiência rara das padarias da Terra, e dos vinhos, visitando o Museu do Pão e do Vinho nos antigos domínios dos Távoras. Voltando a Alijó dê um pulinho a Vila Chã e admire uma incontornável Anta. De seguida siga até à Sr.^a da Cunha!

O regresso faz-se, por Alijó, até S. Mamede de Ribatua, local de paisagens ímpares e miradouros invulgares, onde os testemunhos mais antigos da presença humana se sentem, nos castros, nas calçadas e na toponímia. É o começo de uma luminosa varanda geográfica que se prolonga pela pardacenta Safres e pela soalheira Amieiro, que se pendura nas encostas como um presépio de encantamento, terra de um antigo teleférico, obra da engenharia popular, que permitia o transporte de pessoas e bens de uma margem para a outra, onde apanhavam o comboio.

Nestes lugares são famosos os citrinos e as hortas devido à sua boa exposição. Mas o que é verdadeiramente famoso nesta localidade é a sua Banda Musical, cuja fundação remonta a 1798, sendo

assim uma das mais antigas existentes em Portugal. Por isso se diz que *“em São Mamede até as pedras das calçadas sabem música”*.

A viagem segue por Franzilhal, a uma cota mais elevada, e, derivando à direita, segue-se até Carlão, que é verdadeiramente um lugar especial pela sua localização numa plataforma abatida, onde proliferam abrigadas hortas, árvores de fruto e vinhedos, rodeados de cabeços graníticos e de um castro pejado de evidências arqueológicas, como sejam lagaretas, covinhas e um berrão inscrito na penedia. Daqui se parte para uma visita ou tratamento nas milagrosas águas termais nas profundezas do Tinhela ou, em sentido oposto, se procuram para lá dos pinhais aplanados um lugar sem igual, denominado abrigo rupestre da Pala Pinta. Neste lugar, a visita ganha uma outra dimensão. A unidade cósmica materializada na paisagem e nos elementos decorativos toma verdadeiramente conta do visitante. Sinta essa intemporal presença!

O apelo da paisagem continua. Siga, à saída de Carlão, por baixo do IC5 em direção a St.^a Eugénia, que se

adensa debaixo da proteção de St.^a Bárbara (que terá sido antes de Júpiter!). Percorra as suas ruas e experimente os seus produtos gastronómicos. Pode aí pernoitar, enquanto lhe contam as histórias dos assombramentos do caminho de Pegarinhos ou o rebentamento de foguetes de arroba nas festas da padroeira. E se a *“lage do Concelho”* nos remete para ancestrais práticas de sociabilidades, a fonte de mergulho lança o visitante no imaginário de Nábia e dos misteriosos poderes da água.

Tome-se, à saída desta localidade e pela direita, a direção de Pegarinhos de curiosas penedias, de hortas arejadas aos pés desta bela localidade, que se espreguiça ao sol transmontano. Rodeada de castros, de cabeços vistosos onde, na pré-história, os homens gravaram imagens simbólicas e inesperadas geometrias nas Fragas da Botelhinha. Organize-se e procure visitá-las.

Continuando, sobe-se às planuras do Pópulo *“em uma campina alta e áspera”* com o seu belo castro recuperado, transformado em santuário e imemorial espaço de romarias à Senhora do Pópulo, onde

“concorre imensidade de gente em romagem e se faz no dia donde está a capela uma feira de toda a casta de mercadorias (...)”. Nada de espantar nesta terra que não pára de surpreender, cujos limites com o Município de Murça se encontram imponentes madorras.

Entrando na autoestrada rapidamente se chega a Murça, orgulhosamente apelidada pelos seus naturais como Terra de Encanto, onde encontrará um alargado leque de serviços de acolhimento e informação, de restauração e de degustação de vinhos, de azeite e de raridades, como o inconfundível toucinho do céu, que a tradição conventual perpetuou.

No alojamento é que *a porca torce o rabo!* Mas nada que não se resolva mesmo ao lado!

Depois de visitar a “*Porta de Entrada*” e já em plena Terra Quente fará visita obrigatória ao castro de Palheiros, local onde pode ter várias experiências: Observar à noite o firmamento, compreender o cabeço como um lugar habitado durante milénios, ouvir os silêncios, imaginar as crianças a brincarem ou observar espécies da flora e voos de aves que deslizam

nas correntes térmicas dos céus iluminados, entre as serranias de Passos e as opostas dos lados de Vila Flor e de Carrazeda de Ansiães. Navegue também como um ser alado pelos matizados da paisagem.

Ande um pouco para trás e passe por Noura, terra de vinhas e olivais, disposta ao longo da sua rua principal e evidenciando muito do património vernacular típico da Terra Quente, com lagares de vinho e de azeite, bem como fornos de cozer o pão e tradicionais azenhas. A localidade, historicamente bem referenciada, nasceu de um antigo castro plantado num cabeço fronteiro. Na sua área territorial corre o rio Tinhela, que assume uma relevante importância no contexto do Parque Natural Regional do Vale do Tua.

Assim o périplo alonga-se pela freguesia de Candedo, referida nas Inquirições de D. Afonso II, em 1220 e no foral de Abreiro de 1225 e dos seus lugares de Porrais e de Sobreira. O primeiro, nascido de um castro da Idade do Ferro, distingue-se por ostentar os seus vinhedos pendurados em socalcos e de diversas árvores de fruto de características mediterrânicas, o que compõe a matiz do colorido primaveril. Por sua



 MOCHO PEQUENO D'ORELHAS

vez Sobreira estende-se, encosta abaixo, até às águas do Tua, configurando um cenário muito atrativo, com a montanha que a abraça e protege dos rigores climatéricos. Aqui, descanse o olhar!

Em Candedo localizam-se as Caldas de Santa Maria Madalena, usadas desde tempos imemoriais e de reconhecidas propriedades terapêuticas. Também na sua envolvente foram encontrados achados arqueológicos associados à presença romana, aos quais se associam como elementos do passado, vestígios de castros, uma mamoa e uma necrópole que, no seu conjunto, geram um substrato do imaterial mágico e da aura misteriosa em que se perdem os relatos dos seus naturais.

Mas a Grande Rota continua encostada à margem direita do Tua e, depois de derivar pela única rua de Milhais e pelas suas belas casas rurais, chega-se a Abreiro e impõe-se um percurso a pé pelo centro da localidade, que ocupa um cabeço granítico de rara beleza, compreendendo o pelourinho, diversas casas senhoriais, a calçada e as ruínas da ponte do diabo. Váe escute. Sinta um arrepio nas penedias do Tua logo

a seguir à ponte. É que em Abreiro, *pico quedo!*

A história há-de ser contada!

Retorne até um pouco antes da localidade e siga a estrada que aponta ao IP4, com passagem por Avidagos (típica terra da Terra Quente) e vá até Lamas de Orelhão, local aprazível de olivais, importante na nossa história medieval e local de antiga feira. A praça central é muito interessante com as varandas, o pelourinho, a igreja e a quietude. Ali pode ter uma surpresa gastronómica no restaurante local. Entre e comprove.

Passos, o seu inestimável valor arqueológico e o imaginário de mouros, mouras e encantamentos estão muito presentes nesta localidade aninhada no sopé da serra e que evidencia bem a tipificação urbana dos núcleos desta área geográfica.

E já estamos à mira dela! Onde outrora, corria um rio de águas delgadas, cristalinas, tranquilas e mansas. Acabamos de entrar na capital da Terra Quente, no centro de Trás-os-Montes.



Outros Percursos

As presentes sugestões visam dar complementaridade à Grande Rota. Sugere-se o seu usufruto através de veículos motorizados.

Percursos Imperdíveis:

Mirandela – Frechas – Vale de Sancha – Vilarinho das Azenhas – Vilas Boas – Vila Flor

Murça – Palheiros – Avidagos – Sobreira – Abreiro – Pereiros – Freixiel – Vilas Boas – Vila Flor

Vila Flor – Carvalho de Egas – Carrazeda – Zedes – Pereiros – Codessais – Pinhal do Norte – Pombal – Castanheiro – Ribalonga – Foz Tua – (barcos + CP)

Alijó - Vila Chã – Sr.^a Da Cunha – Carlão – Pala Pinta – Franzilhal – Safres – Amieiro – S. Mamede de Ribatua – Foz Tua

Pequenos Percursos:

Pinhal do Norte – Pombal – S. Lourenço – Pombal – Pinhal do Norte – Codessais – Pereiros – Zedes – IC5

Mirandela – Frechas – Vilarinho – Vilas Boas – Vila Flor

Vila Flor – Carrazeda – Castelo – Linhares – Parambos – Castanheiro – Foz Tua

Alijó – Vila Chã – Alto Pópulo – Murça – Pegarinhos – St.^a Eugénia – Sr.^a Da Cunha

Murça – Palheiros – Franco – Lamas de Orelhão – Passos – Mirandela

Águas – Praias – Termas – Sítios de Pesca

Miradouros

Miradouro de Casal de Loivos

CASAL DE LOIVOS - ALIJÓ / GPS: 41°11'55"N, 7°31'55"O

Sobre põe-se à Vila do Pinhão e a uma das mais belas curvas do rio Douro dando a oportunidade de conhecer um cenário deslumbrante do Douro vinhateiro.

Miradouro de Nossa Senhora da Piedade

SANFINS DO DOURO - ALIJÓ / GPS: 41°17'1"N, 7°30'48"O

É um belo miradouro situado em Sanfins do Douro, situado a 750 m de altitude, proporcionando uma vista abrangente sobre a região vinhateira, os territórios de transição e a zona planáltica. Tem restaurante, espaço de merendas e uma grandiosa romaria no 2º Domingo de agosto.

Miradouro Senhora da Cunha

ALIJÓ / GPS: 41°16'58"N, 7°25'11"O

Senhora da Cunha (Senhora dos Prazeres)

Proporciona um cenário grandioso no cimo de um monte provavelmente antes associado ao culto da Lua e bem evidenciado na pintura rupestre da Pala Pinta.

É um espaço milenarmente sagrado a que, a partir do Séc. XVIII se associou a veneração da Sr.^a dos Prazeres. O antigo culto ao “*Monte da Lua*”, tradicionalmente associado às práticas agrícolas, um pouco e dentro da mesma lógica se pode compreender a tradicional bênção do gado, outrora feita pelo pároco de Pegarinhos, na festa do Senhor dos Aflitos.

Miradouro da Senhora da Boa Morte

MONTE DO SOUTO - C. ANSIÃES / GPS: 41°13'52"N, 7°23'37"O

Enquadra-se num espaço religioso, de onde se pode ter uma vista sobre as encostas agrestes do rio Tua e onde se evidenciam as espécies botânicas tradicionais de cariz mediterrânico. A paisagem desce de forma abrupta até o Vale Ribeirinho.

Miradouro do Castelo de Ansiães

SELORES - C. ANSIÃES / GPS: 41°12'13"N, 7°18'13"O

Corresponde ao espaço amuralhado do castelo e aos desenhos multicolores da paisagem que desce em cascata até ao vale do Douro. Além do encontro com uma história de 5.000 anos, o espaço exerce uma sedução especial sobre o visitante.

Miradouro da Rota do Douro

BEIRA GRANDE - C. ANSIÃES / GPS: 41°09'25"N, 7°18'23"O

É um miradouro virado à paisagem vinhateira do Douro profundo com as suas quintas emblemáticas, as vinhas desenhadas nos socalcos e ainda o espelho de água do Douro, onde se espelham os povoados ribeirinhos das encostas. Está a uma altitude de 400 m.

Miradouro de São Brás

TORRE DE DONA CHAMA - MIRANDELA / GPS: 41°39'16"N, 7°07'14"O

Situa-se em Torre de Dona Chama e tem interessantes vistas sobre amplas terras transmontanas e sobre a própria vila, cheia de história e de marcantes evidências culturais e turísticas.

Miradouro Serra de Santa Comba

LUGAR DA PALA - MIRANDELA / GPS: 41°27'45"N, 7°17'23"O

Configura um verdadeiro deslumbramento, com vistas amplas e magníficas sobre as serras transmontanas circundantes e as castelhanas serras de Sanábria. A sua abrangência, confere uma centralidade única da identidade transmontana.

Miradouro de Santa Catarina

ABREIRO - MIRANDELA / GPS: 41°20'54"N, 7°18'11"O

Situa-se em Abreiro que é um lugar incontornável do Parque Natural. O miradouro permite uma vista sobre as vertentes cultivadas e sentir o serpenteado do vale do Tua e da linha dos caminhos de ferro que conferem uma atratividade natural deveras marcante.

Miradouro de S. Domingos

MURÇA / GPS: 41°25'5"N, 7°26'46"O

Localiza-se cerca da vila de Murça, da qual se obtém uma interessante panorâmica, bem como da sua envolvente com os seus ondulantes vinhedos e olivais.

Miradouro de Palheiros

PALHEIROS - MURÇA / GPS: 41°24'11"N, 7°22'49"O

Integra-se num vetusto castro com o mesmo nome e eleva-se sobre um espigão quatezítico que emerge na depressão geológica da Terra Quente. É uma feliz coincidência agrupar uma paisagem avassaladora, um contexto arqueológico impressionante e um centro de interpretação no local. Um lugar imperdível.



Miradouro Casa da Floresta Sobreira

SOBREIRA - MURÇA / GPS: 41°20'58"N, 7°20'40"O

O Miradouro da Casa da Floresta localiza-se em Sobreira, numa área recentemente florestada, junto a uma antiga casa da floresta, com vista sobre o rio Tua.

Miradouro da Senhora da Assunção

VILAS BOAS - VILA FLOR / GPS: 41°20'56"N, 7°10'50"O

Situa-se em Vilas Boas e é o maior e um dos mais importantes santuários marianos de Trás-os-Montes plasmado na milenar colina sagrada. O monte, no qual está inserido, permite o domínio sobre uma ampla e avassaladora paisagem, compreendendo vales, cercos montanhosos, vilas e lugares. Está instalado num antigo castro, entretanto sacralizado e do qual foi retirado assinalável espólio. O conjunto construído é diverso e encima no alto com uma igreja de nave única e capela-mor retangulares.

Miradouro da Senhora da Lapa

VILA FLOR / GPS: 41°18'42"N 7°08'59"O

Sobranceiro à vila é de facto um dos mais belos espaços de contemplação, onde verdadeiramente o

silêncio fala, oferecendo uma larga vista para o Vale da Vilarça, aldeias e lugares que pintam a paisagem e para as cercanias dos municípios envolventes e tem associado ao local uma bela lenda do período liberal. O povo chama ao local de “*capelinhas*”, onde impera o silêncio e se tem uma deslumbrante vista sobre Vila Flor a quem se chama um “*ramallete de cravelinas e bem-me-queres*”.

Miradouro da Senhora dos Remédios

V. DAS AZENHAS - VILA FLOR / GPS: 41°22'53"N 7°12'12"O

Situa-se no lugar histórico de Vilarinho das Azenhas, no vale do Tua e ocupa um cabeço vistoso e protetor da aldeia. Bem merece ser visitado.

SINGULARIDADES DO



VALE DO TUA





A Linha do Tua

Esta linha é uma das mais emblemáticas construções férreas de montanha. É a materialização do engenho, do esforço e do quase impossível, da realização de um sonho materializado em pontes, túneis que, nos primeiros 21 quilómetros, é sustentada por uma muralha de 118 muros de suporte de pedra seca, com 170 000 metros cúbicos de alvenaria.

Nas suas dificuldades de construção o 1º troço era comparado às linhas alpinas, exigindo, no despenhadeiro das Fragas Más, *“vigoroso ânimo aos engenheiros e trabalhadores que aí formigaram por algum tempo, a romper rochedos e esporões”*, em ravinas que escondiam gargantas de monstros. Mas, logo ao começo foi necessário ultrapassar um gigantesco vão sobre o precipício, designado por Viaduto das Prezas e que, na verdade, mais parece uma varanda metálica suspensa no abismo do que um viaduto, que se mantém como uma imagem emblemática daquela obra.

A construção da linha, teve como ponto de partida o apelo feito em 11 de janeiro de 1883 pela Câmara

Municipal de Mirandela, juntamente com a Associação Comercial do Porto, ao Rei D. Luís I para que fosse feita a aprovação do projeto de construção. A obra acabou por se iniciar no dia 1 de abril de 1885 e terminou a 1 de julho de 1887. A abertura à exploração da então chamada Linha de Mirandela deu-se em 29 de setembro de 1887.

Curiosidade: A obra teve 917.147 jornas de operários, 70.839 jornas de animais de tiro e veículos e 10.883 jornas de locomotivas e vagões. O caminho terrestre mais utilizado, por ser o único que então existia com acesso ao rio, foi o que ligava Castanheiro do Norte à Barca do Tua, do lado de Carrazeda de Ansiães.

Aldeias Ribeirinhas

“A água é a força motora de toda a Natureza”
(Leonardo da Vinci)

As aldeias ribeirinhas consubstanciam um espaço geográfico, económico e cultural, distinto do restante território, devido à sua ligação às margens e às águas do rio. Elas corporizam uma identidade da paisagem húmida, aquosa e verde dentro do território pardo,

seco e quente pelo qual o rio se estende.

Estes lugares apresentam uma dualidade de perfil, um que o firma e liga à natureza da Terra Quente ou mediterrânica e outro que o identifica com a via fluvial e o seu imaginário. E o rio enriqueceu estas comunidades com elementos da arquitetura fluvial (pontões, açudes, engenhos, moinhos, noras, pontos de pesca, barcas de passagem, enriquecimento gastronómico, qualidade ambiental, melhoria e acréscimo de ofertas de lazer e caminhos que ligavam diretamente ao centro populacional), com as evidências toponímicas, os rituais da água e o espaço cultural lendário.

Estes lugares evidenciam ainda uma maior fertilidade dos solos traduzindo-se na implantação de belas hortas onde se produzem bens hortícolas de excelente qualidade e conferem à paisagem um acréscimo de humanização, de ordem, de tradição e de encanto.

Simultaneamente as zonas húmidas representam uma acrescida valorização dos territórios, das comunidades humanas que se desenvolvem nesses espaços, na garantia de perpetuação dos ecossistemas, da contemplação natural e da valorização turística dos

territórios.

No contexto do Vale do Tua, um conjunto de aldeias que já estão em contacto umbilical com o rio e outras que passarão a contar com o lençol de água da albufeira, poderão corporizar um modelo de oferta turística, lúdica e de quadro de vida deveras distinto, complementando novas valências e acentuando antigas práticas, dentro um quadro específico de desenvolvimento, de criação de uma nova oferta e funcionalidades apelativas.

Localidades:

Frechas, Vilarinho das Azenhas, Ribeirinha, Barcel/Valverde, Abreiro, Sobreira, Brunheda, S. Lourenço, Foz Tua, Amieiro, Safres e S. Mamede Ribatua.

A lenda do “Pico Quedo”

Em Abreiro existiu uma bela ponte que ligava a localidade a Vila Flor e que foi destruída com a cheia de 1909. A sua grandiosidade granítica impressionava e passou a fazer parte do imaginário popular que atribuía a sua construção ao diabo, nome aliás pelo qual era conhecida a ponte.

Diz a lenda que a sua construção apenas durou uma noite e tinha como finalidade facilitar-lhe o acesso a uma fonte que se situava no Município de Vila Flor. A sua construção deveria estar terminada antes do cantar do galo, graças ao intenso trabalho desenvolvido por uma legião de demónios que desenvolviam todas as fases da produção, transporte e assentamento da cantaria. Tudo se iria cumprir, quando, no silêncio da noite, se ouve o galo a cantar.

- Que Galo é? – Perguntou Belzebu.

- Galo branco! – Responderam os informadores

- Ande o canto, siga o trabalho – Respondeu

Mas, pouco depois novo canto irrompe no breu transmontano!

- Que Galo é? – Vocifera o Diabo.

- Galo Preto! – Respondem.

- Pico quedo! – Decretou o maligno.

Faltava apenas assentar uma pedra na estrutura da ponte e assim ficou. Sempre que os homens a tentaram colocar, a mesma era derrubada na noite seguinte.

Por isso, a destruição da ponte antiga foi considerada natural, dizendo o povo que o Diabo a fez, o Diabo a

levou.

Para quem quiser comprovar, deve estacionar junto à antiga estação de Abreiro e andar 50 metros para montante. Então encontrará os restos da construção, sobretudo no encontro com as duas margens dois pegões reforçados por contrafortes, com talhantes e talha-mares triangulares. Do lado de Abreiro, ainda é visível o resto da calçada suspensa nos granitos e casas de apoio à via e à barca de passagem do local.

Dia da espiga ou da hora

Corresponde a uma celebração primaveril, outrora muito generalizada no Nordeste Transmontano, que ocorria na Quinta Feira da Ascensão, então considerado o dia mais santo do ano. Ao meio dia tudo parava: as águas dos ribeiros não corriam, o leite não coalhava e o pão não levedava. Então eram colhidas as espigas, várias flores campestres e raminhos de oliveira e de alecrim, fazendo de seguida um ramo protetor das trovoadas e dos espíritos nefastos das casas e dos campos e que era colocado atrás das portas até ser substituído no ano seguinte.



O culto das Maias

É uma remota tradição de cariz rural que compreende um conjunto de práticas mágicas, simbólicas e profiláticas enraizadas de forma profunda na região.

Assim, na noite de 30 de abril para 1 de maio, são colocadas nas janelas, nas portas das casas, nas fechaduras, cancelos, carroças de animais, nos currais e cabeças dos animais, ramos de giestas floridas cuja função é proteger os bens, do *“Maio”*, *“carrapato”* ou *“burro”*, que personificam o lado negativo, o mal, as doenças e o espírito do mal. Também é tradição consumir castanhas pelo que ficou o ditado que: *“quem não come castanhas no 1º de Maio, monta-o o burro”*.

Na Idade Média era aplicado um imposto designado por *“Cavalo de Maio”*, pago neste dia, por todos os que não possuíam um cavalo em boas condições de participar na guerra.

Estas manifestações e ritos pagãos de cariz agrário chegaram a ser proibidos por carta régia de 1402 e substituídas por *“procissões muito devotas”*, visando assim afastar estas práticas e defender a religião cristã. Esta medida vem, aliás. Na sequência de outra carta

régia de 1385, por decisão de D. João I que classificava este culto *“como um costume diabólico e um crime de idolatria”*. De facto, na Roma antiga, celebrava-se nesse dia, festas em louvor de Flora, divindade das flores, dos jardins, da beleza natural e mãe da Primavera.

Cogumelos

São um recurso valiosíssimo no Vale do Tua, apresentando usos e valências relevantes como a ecologia, a gastronomia e a medicina.

Na gastronomia enriquecem a oferta regional, pela excelência dos paladares, pela variedade de textura e pela experiência que proporcionam. Depois casam bem com outros produtos regionais, tais como o azeite, as carnes de porco e de caça, enaltecendo os sublimes paladares da gastronomia transmontana.

Habitualmente classificados como vegetal ou uma erva, mas na verdade são fungos. Nas florestas e bosques tradicionais ou em modernas produções, os cogumelos são um elemento central da tradição, das lendas e da economia do Vale do Tua, onde se destaca a instalação da maior fábrica de cogumelos da Europa.

O prazer do azeite

Por António Monteiro

“Se eu tiver azeite, pão e vinho, em casa toda a noite, durmo como um rei e não acordo sozinho.” – Claro que subscrevo tão simpática e insinuante eloquência à tríade alimentar dos povos e dos locais onde reina a oliveira.

O autor deste texto pede, então, e desde já, desculpa aos comensais de circunstância pela utilização do azeite nas comidas mais sensatas e solicita a proteção dos sábios que fazem desta prática não uma insólita extravagância senão a consequência de uma solene e unânime convicção.

Aliás, o aroma dos guisados e o pico dos caldos, o cachondo dos grelos invernais, o capricho dos assados ou as birras dos estrugidos, o erotismo das saladas e o brio dos molhos, a desquebra dos cachicos avinagrados ou a vaidade dos comeres mais abelhudos já não desobrigam, nem aliviam, o argumento de que *“comer sem azeite é comer miudinho”*.

Também não me escuso a referir que antepassados nossos entendessem que um bom cibo de azeite benairasse a inabilidade do apetite e amolentasse dentes desprevenidos, tivesse serventia para fortificar cabelos tristonhos e acomodasse músculos fatigados... Fosse ministrado aos moribundos como símbolo da vida eterna ou aos azarados para curar desmanchados, tripas emperradas, irritações respiratórias, ataques de lombrigas e maus-olhados. E a esta mítica de virtuosidades medicinais, proféticas ou sagradas, os seus antecessores lhe aditassem outros predicados luminescentes e lubrificantes. Até na primazia de



estimular os desejos!

Evoco, por isso, aos mais abstraídos, que a oliveira e o seu azeite são a memória dos povos dos prazeres do sol e da luz, do corpo e da longevidade... a imortalidade da sua cultura e a magnificência do elogio ecológico; enfim, são o prenúncio do perdão divino para a desquebra dos encouchados ou para os excessos gastrófilos dos mais empachados.

Goze-se então a aceitação da mesa e louve-se a singularidade do azeite, porque para este prazer - o prazer do azeite - não há castas, nem raças, nem ofícios, é para todas as idades, para todas as condições, para todos os países, para todos os dias... Pode associarse a todos os demais prazeres e queda-se por último para consolar-mos a perda de outros. E saiba-se que o azeite - com o vosso perdão - é o tal amante das comidas que os afortunados estômagos transcendem no prazer da mesa. E também se sabe que sendo um bom amante, a amada não pode ser má!

Permitam-me, ainda, um último incitamento: reclamar do entusiasmo presente para fixar de forma definitiva na nossa dieta alimentar a mais presumida de todas as

gorduras - o Azeite.

A findar este comedido escrito, na estimulante companhia do azeite, fiquem agora à procura de outros e demais apetites. Pode ser com a partilha do aproveitamento das sobras de laranja ou das laranjas mais ácidas - a laranja azeitada -, que já foi comer cigano, merenda de meio-dia com pão e azeitonas de cura, préstimo saladeiro ou laranja dos fidalgos para adornar assados de capão, cordeiro ou porco, e, mais recentemente, o epílogo e a epifania azeiteira de muitos manjares de cortesia. Apreste-se, então, com uma dessas laranjas e corte-a em rodela adelgaçadas, deixando pequeníssimas tiras de casca. Retire-lhe o estorvo dos caroços, salpique com alho de picadinho, um nadinha de sal arioso e regue-a com azeite - azeite cediço a raiar o verde picante. E *"lembrem-se de que a oliveira, essa, não esquece nada."*



OBSERVAÇÃO DA

NATUREZA



Microrreservas

No contexto do PNRVT, emergem locais de excepcional valia ambiental e natural, distribuídas por sete Microrreservas e que materializam extraordinários espaços de visitaçao.

Elas são marcantes evidências da biodiversidade, consubstanciando verdadeiras “arcas de Noé” do originário território natural do Vale do Tua.

Caraterização genérica

Por Paula Canha

As Microrreservas situadas no Parque Natural Regional do Vale do Tua correspondem às áreas do Parque que concentram uma maior quantidade e diversidade de recursos biológicos de grande interesse ou raridade. Nas sete Microrreservas – Foz Tua; Castanheiro - Ribalonga; S. Lourenço; Amieiro - Safres - S. Mamede de Ribatua; rio Tinhela; Abreiro - Freixiel - Pereiros e Alto Tua – encontram-se os habitats mais emblemáticos do vale do Tua, assim como as espécies da flora e da fauna com

mais interesse do ponto de vista da conservação.

As Microrreservas foram criadas não só para assegurar a conservação dos valores naturais, mas também para os dar a conhecer, numa perspetiva de educação ambiental e de turismo de natureza. Estes objetivos concretizam-se com o indispensável apoio das populações do vale do Tua, as mesmas que souberam preservar esses valores naturais ao longo das numerosas gerações de ocupação humana deste vale. Nas encostas abruptas do rio Tua e dos seus afluentes, predominam as florestas, os matagais e as fragas, paredes rochosas frequentemente próximas da verticalidade. Estes habitats, em mosaico com outros, proporcionam o cenário físico para um verdadeiro hotspot de biodiversidade. No baixo Tua, a jusante de Abreiro, os sobreirais desenvolvem-se até à margem do rio, devido ao relevo acentuadamente abrupto e angusto, que permite acumular maior humidade em cotas baixas. Nas encostas voltadas a norte, a maior frescura ambiental favorece os bosques mais húmidos, com lódão (*Celtis australis*) e zelha (*Acer monspessulanum*). Pelo contrário, o zimbro (*Juniperus*

oxycedrus) surge com frequência nas encostas mais secas e expostas, onde a azinheira é também mais abundante. A secção do rio Tua, a montante de Abreiro, é caracterizada pela sua orografia mais suave, de encostas mais expostas, mais secas e com menor cobertura de vegetação arbórea, predominando os matagais.

As florestas são local de abrigo e alimentação de muitas espécies de morcegos arborícolas, que usam as cavidades das árvores para estabelecer as suas colónias ou apenas como abrigo temporário. As vastas áreas de florestas em terreno declivosos e quase intocadas pelo ser humano, têm exemplares de sobreiros, azinheiras, castanheiros e pinheiros com as características ideais para estes morcegos.

Os afloramentos rochosos, assim como as paredes verticais de rocha, são o habitat de comunidades muito originais de musgos, líquenes e plantas vasculares, muitos deles raros ou endémicos, como por exemplo a dedaleira-do-Douro (*Digitalis purpurea subsp. amandiana*), *Holcus setiglumis subsp. duriensis* ou *Anarrhinum duriminium*. Nos taludes rochosos

situados a jusante de Cachão, nas imponentes cristas quartzíticas da margem direita, encontram-se espécies de líquenes de elevada singularidade geográfica.

Os afloramentos rochosos constituem ainda áreas importantes para os morcegos fissurícolas e para as aves rupícolas, como por exemplo o bufo-real (*Bubo bubo*), a andorinha-das-rochas (*Ptyonoprogne rupestris*), a andorinha-dáurica (*Hirundo daurica*), o melro-azul (*Monticola solitarius*) e a águia de Bonelli (*Hieraaetus fasciatus*).

As Microrreservas são também importantes para o chasco-preto (*Oenanthe leucura*), espécie classificada como “*Criticamente Ameaçada*” de acordo com o Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. O Alto Douro Vinhateiro é um dos seus últimos redutos. A ocorrência desta espécie está intimamente relacionada com a presença de vinhas e de olivais em regime extensivo; os muros de xisto tradicionais são usados como locais de nidificação.

Tão emblemáticos como os habitats florestais são os ambientes ribeirinhos. As galerias ripícolas são particularmente importantes no traçado do rio Tua e

do rio Tinhela, acolhendo florestas pós-Dryas (o último período gélido e seco, que terá terminado há 10.000 anos) com predominância de freixos, salgueiros, choupos e amieiros. Associados às galerias surgem ainda diferentes habitats aquáticos, consoante as características do leito ou a velocidade da corrente. Os leitos-de-cheia rochosos do baixo Tua são particularmente singulares do ponto de vista das comunidades vegetais, acolhendo endemismos como *Festuca duriotagana*, *Bufonia macropétala* ou *Galium glaucum subsp. australe*.

A foz do Tinhela está localizada numa das zonas mais declivosas do vale do Tua, com um enquadramento ecológico singular: duas encostas do rio dominadas por afloramentos de xisto, contendo espécies mais termófilas nas encostas expostas a sul e umbrófilas nas encostas expostas a norte. Encontram-se neste enquadramento 23 espécies raras ou endémicas de musgos e líquenes!

As comunidades ribeirinhas são essenciais para o melro-de-água (*Cinclus cinclus*), ave com uma distribuição bastante fragmentada em Portugal, limitada a águas

não poluídas, batidas por correntes e redemoinhos, com fundo rochoso e de baixa profundidade e margens com vegetação abundante.

O rio Tinhela, na Microrreserva do Rio Tinhela, apresenta condições favoráveis para outras espécies da avifauna ribeirinhas, como os rouxinóis, toutinegras, guarda-rios (*Alcedo atthis*) e a alvéola-cinzenta (*Motacilla cinerea*). Particularmente abundante nesta Microrreserva é também a toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*), um pequeno mamífero com estatuto de proteção e que necessita de cursos de água livres de poluição, pouco profundos mas de corrente vigorosa, com um fluxo regular de água, níveis elevados de oxigenação durante o ano todo e a existência de abrigos nas margens. As galerias ripícolas são essenciais para os morcegos como locais de alimentação, devido à abundância de insetos. Nas Microrreservas de Abreiro - Freixiel - Pereiros e do Alto Tua, os arrelvados húmidos são habitats do roedor *Microtus cabreræ*, um micromamífero endémico da Península Ibérica, com estatuto de conservação "Vulnerável". O rato-de-cabrera habita exclusivamente prados e juncais em zonas



tipicamente húmidas, onde a vegetação se mantém verde durante a maior parte do ano.

Nas comunidades aquáticas, o destaque vai para os mexilhões-de-rio, exclusivamente dulçaquícolas e com um valor conservacionista muito elevado.

Nas Microrreservas ocorrem ainda 32 espécies de anfíbios e répteis, incluindo a víbora-cornuda (*Vipera latastei*), a lagartixa-de-dentes-denteados (*Acanthodactylus erythrurus*), o sapo-parteiro-ibérico (*Alytes cisternasii*) e a rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galganoi*). O vale do Tua integra o maior núcleo de lagartixa-de-dentes-denteados do norte do país, ocorrendo em zonas de matagais, particularmente na Microrreserva de Abreiro - Freixiel - Pereiros.

Os habitats ripícolas da Microrreserva do Alto Tua são território privilegiado de caça de águia de Bonelli (*Hieraaetus fasciatus*), águia-real (*Aquila chrysaetos*) e abutre-do-Egipto (*Neophron percnopterus*) e apresentam as características adequadas para o maçarico-das-rochas (*Actitis hypoleucos*).



Microrreserva de Foz Tua

Localização: Foz Tua

GPS: 41°12'47"N, 7°25'44"O

A Microrreserva de Foz Tua permite caminhar sobre um troço da antiga linha de caminho de ferro, uma obra do final do século XIX, construída com notável engenho em escarpas rochosas íngremes. Contemplam-se de perto paredes rochosas com espécies de plantas muito raras, como é o caso de *Silene marizii*. Aqui se concentram áreas importantes para a avifauna: chasco-preto, melroazul, andorinha-das-rochas, águia-de-Bonelli e muitas outras espécies.

Espécies mais relevantes e período e locais de observação

Flora

A primavera, entre abril e junho, é a época na qual mais espécies estão em floração.

> **Espécies mais relevantes**

Na floresta:

Campanários (*Narcissus triandrus*)

Dedaleira-do-Douro (*Digitalis purpurea subsp. amandiana*)

Tojo-gadanho (*Genista falcata*)

Zimbro (*Juniperus oxycedrus*)

Nas rochas junto à água:

Festuca duriotagana

Petrorhagia saxifraga

Nas paredes rochosas:

Erva-molar-de-gluma-sedosa (*Holcus duriensis*)

Fidalguinha (*Centaurea micrantha*)

Samacalo-peludo (*Anarrhinum duriminium*)

Sedum arenarium

Silene marizii

Répteis

Biótopos mais comuns - áreas florestais e áreas agrícolas com parcelas de olival.

Período mais favorável à observação – verão, outono e primavera, durante o dia.

> **Espécies mais relevantes**

Cobra-de-capuz (*Macroprotodon cucullatus*)

Cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*)

Cobra-de-ferradura (*Coluber hippocrepis*)

Cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*)

Lagartixa-do-mato (*Psammodromus algirus*)

Osga-comum (*Tarentola mauritanica*)

Sardão (*Lacerta lepida*)

Mamíferos (morcegos)

Biótopos mais comuns - áreas florestais e áreas agrícolas com parcelas de olival.

Período mais favorável à observação – verão, outono e primavera, durante o crepúsculo ou à noite.

> **Espécies mais relevantes**

Espécies arborícolas (exemplos - *P. kuhlii*, *P. pygmaeus*, *H. savii*, *E. serotinus*, *T. teniotis*, *Myotis pequenos*, *R. hipposideros*, *B. barbastellus*)



Aves

Biótopos mais comuns - margem do rio, áreas florestais, áreas agrícolas com parcelas de olival e paredes rochosas (para as aves rupícolas).

Período mais favorável à observação – de manhã cedo ou ao fim da tarde, especialmente na primavera.

> Espécies mais relevantes

Águia-de-Bonelli (*Hieraaetus fasciatus*)

Alvéola-branca (*Motacilla alba*)

Alvéola-cinzenta (*Motacilla cinerea*)

Andorinha-das-rochas (*Ptyonoprogne rupestris*)

Andorinha-dáurica (*Hirundo daurica*)

Andorinhão-preto (*Apus apus*)

Bufo-real (*Bubo bubo*)

Carriça (*Troglodytes troglodytes*)

Cartaxo (*Saxicola torquatus*)

Chapim-azul (*Parus caeruleus*)

Chapim-real (*Parus major*)

Chasco-preto (*Oenanthe leucura*)

Estorninho-malhado (*Sturnus vulgaris*)

Ferreirinha (*Prunella modularis*)

Gaio (*Garrulus glandarius*)

Gralha-preta (*Corvus corone*)

Melro (*Turdus merula*)

Melro-azul (*Monticola solitarius*)

Papa-figos (*Oriolus oriolus*)

Picanço-barreteiro (*Lanius senator*)

Picanço-real (*Lanius meridionalis*)

Pica-pau-malhado (*Dendrocopos major*)

Pintassilgo (*Carduelis carduelis*)

Pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*)

Poupa (*Upupa epops*)

Rabirruivo (*Phoenicurus ochruros*)

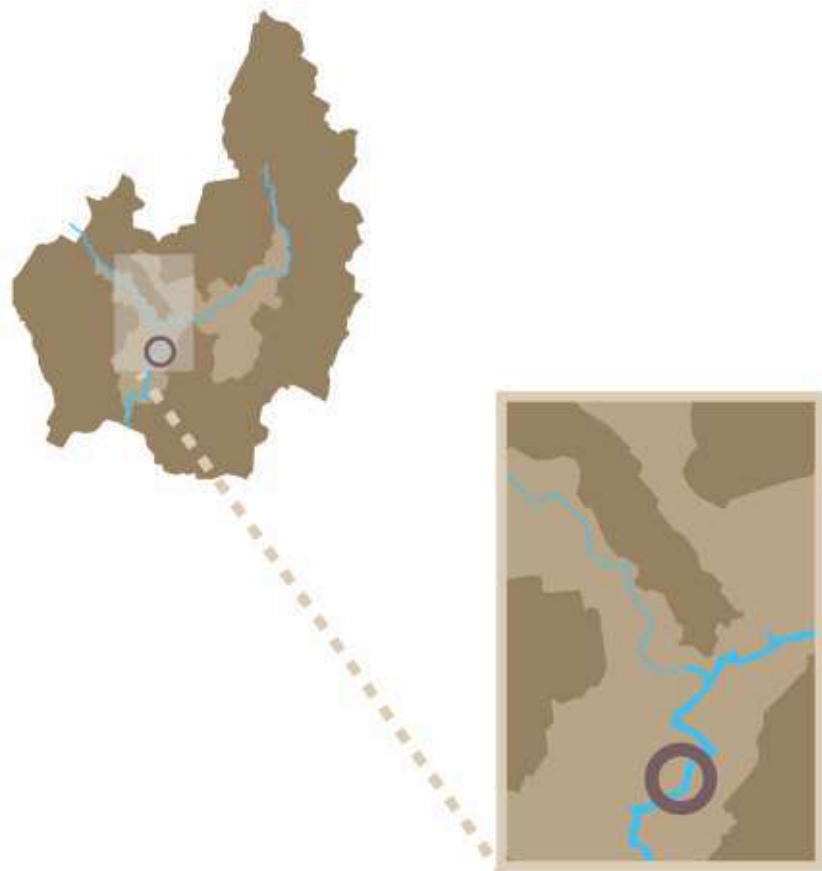
Rouxinol (*Luscinia megarhynchos*)

Trepadeira (*Certhia brachydactyla*)

Trepadeira-azul (*Sitta europaea*)

Trigueirão (*Emberiza calandra*)

Verdilhão (*Carduelis chloris*)



MAPA > SÃO LOURENÇO

Microrreserva de São Lourenço

Localização: São Lourenço
GPS: 41°17'30"N, 7°22'27"O

A Microrreserva de São Lourenço corresponde a um local clássico de herborização desde o século XIX, sítio obrigatório para os botânicos ou naturalistas, graças à enorme diversidade de espécies de plantas, muitas delas raras. As suas florestas e afloramentos rochosos são habitat de muitas espécies de aves, morcegos, répteis e anfíbios.

Espécies mais relevantes e período e locais de observação

Flora

A primavera, entre abril e junho, é a época na qual mais espécies estão em floração.

> Espécies mais relevantes

Bocas-de-lobo (*Antirrhinum graniticum*)
Carduus platypus

Cravo-do-monte (*Armeria transmontana*)
Dedaleira-amarela (*Digitalis purpurea subsp. Amandiana*)
Fidalguinha (*Centaurea micrantha*)
Floresta de sobreiro e azinheira com zimbro e lódão (*Celtis australis*)
Floresta de zelha (*Acer monspessulanum*)
Linaria aeruginea subsp. aeruginea
Luzula sylvatica subsp. henriquesii
Narcissus triandrus
Samacalo-peludo (*Anarrhinum duriminium*)
Silene marizii

Anfíbios

Biótopos mais comuns - florestas nas proximidades de cursos de água e todos os habitats com elevados níveis de humidade ou com disponibilidade de água.

Período mais favorável à observação – outono e primavera, durante o crepúsculo ou à noite.

> Espécies mais relevantes

Rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galganoi*)
Rã-verde (*Rana perezi*)
Sapo-comum (*Bufo bufo*)
Sapo-parteiro-ibérico (*Alytes cisternasii*)

Répteis

Biótopos mais comuns - áreas florestais de pinheiro-bravo e sobreiro, afloramentos rochosos, vinhas e olivais.

Período mais favorável à observação – verão, outono e primavera, durante o dia.

> Espécies mais relevantes

Cágado-mediterrânico (*Mauremys leprosa*)
Cobra-de-água-de-colar (*Natrix natrix*)
Cobra-de-água-viperina (*Natrix maura*)
Cobra-de-capuz (*Macroprotodon cucullatus*)
Cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*)
Cobra-de-ferradura (*Coluber hippocrepis*)
Cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*)
Lagartixa-de-dentes-denteados (*Acanthodactylus*)

erythrurus)

Lagartixa-do-mato (*Psammodromus algirus*)

Lagartixa-ibérica (*Podarcis hispanica*)

Osga-comum (*Tarentola mauritanica*)

Sardão (*Lacerta lepida*)

Mamíferos (morcegos e mamíferos terrestres)

Biótopos mais comuns - áreas florestais e áreas agrícolas com parcelas de olival.

Período mais favorável à observação – verão, outono e primavera, durante o crepúsculo ou à noite.

> Espécies mais relevantes

Morcegos

Espécies arborícolas (exemplos - *P. kuhlii*, *P. pygmaeus*, *H. savii*, *E. serotinus*, *T. teniotis*, *Myotis pequenos*, *R. hipposideros*, *B. barbastellus*)

Mamíferos

Coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*)

Corço (*Capreolus capreolus*)

Doninha (*Mustela nivalis*)



Fuinha (*Martes foina*)
Geneta (*Genetta genetta*)
Javali (*Sus scrofa*)
Ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*)
Raposa (*Vulpes vulpes*)
Texugo (*Meles meles*)

Aves

Biótopos mais comuns - áreas florestais e áreas agrícolas com parcelas de olival, afloramentos e paredes rochosas, margens da albufeira.

Período mais favorável à observação – primavera, de manhã cedo ou ao fim da tarde.

> Espécies mais relevantes

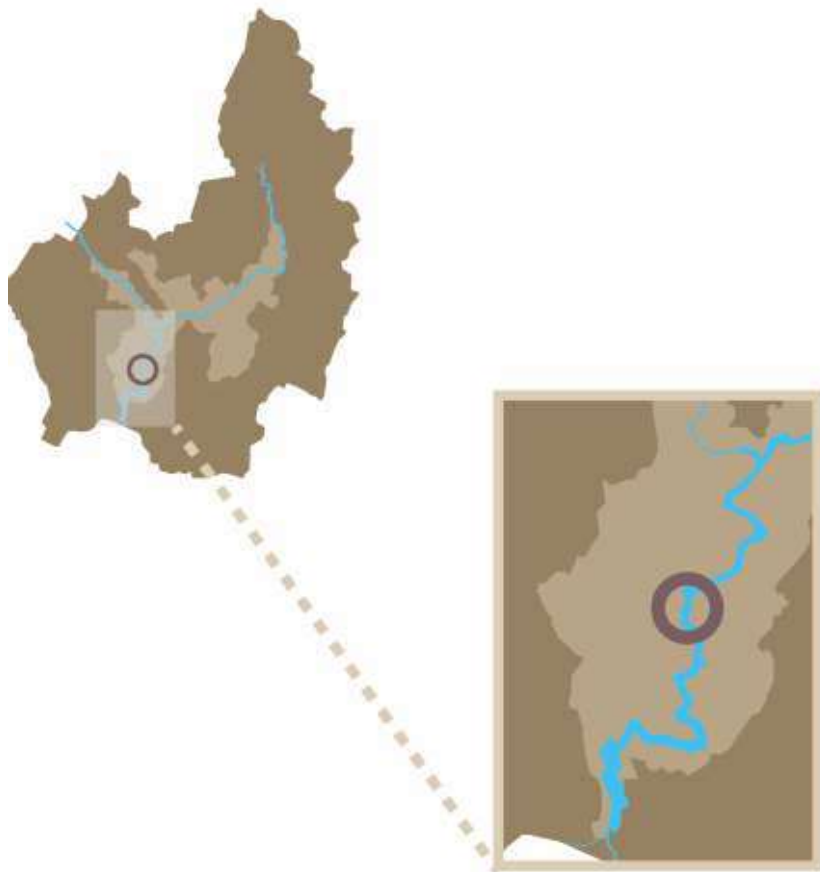
Abelharuco (*Merops apiaster*)
Águia-calçada (*Hieraaetus pennatus*)
Águia-cobreira (*Circaetus gallicus*)
Águia-d'asa-redonda (*Buteo buteo*)
Águia-perdigueira (*Hieraaetus fasciatus*)
Alvéola-branca (*Motacilla alba*)
Alvéola-cinzenta (*Motacilla cinerea*)

Andorinha-das-rochas (*Ptyonoprogne rupestris*)
Andorinha-dáurica (*Hirundo daurica*)
Bufo-real (*Bubo bubo*)
Carriça (*Troglodytes troglodytes*)
Cartaxo (*Saxicola torquatus*)
Chapim-azul (*Parus caeruleus*)
Chapim-carvoeiro (*Parus ater*)
Chapim-de-poupa (*Parus cristatus*)
Chapim-rabilongo (*Aegithalos caudatus*)
Chapim-real (*Parus major*)
Cia (*Emberiza cia*)
Codorniz (*Coturnix coturnix*)
Coruja-do-mato (*Strix aluco*)
Cotovia-dos-bosques (*Lullula arborea*)
Cuco (*Cuculus canorus*)
Escrevedeira (*Emberiza cirrus*)
Estrelinha-real (*Regulus ignicapilla*)
Falcão-peregrino (*Falco peregrinus*)
Felosa-de-papo-branco (*Phylloscopus bonelli*)
Felosa-musical (*Phylloscopus trochilus*)
Felosinha (*Phylloscopus collybita*)
Ferreirinha (*Prunella modularis*)



Gaio (*Garrulus glandarius*)
Garça-branca (*Egretta garzetta*)
Garça-real (*Ardea cinerea*)
Gavião (*Accipiter nisus*)
Guarda-rios (*Alcedo atthis*)
Melro-azul (*Monticola solitarius*)
Milhafre-preto (*Milvus migrans*)
Milhafre-real (*Milvus milvus*)
Noitibó-cinzento (*Caprimulgus europaeus*)
Papa-figos (*Oriolus oriolus*)
Pato-real (*Anas platyrhynchos*)
Peneireiro (*Falco tinnunculus*)
Perdiz (*Alectoris rufa*)
Peto-verde (*Picus viridis*)
Pica-pau-malhado (*Dendrocopos major*)
Pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*)
Poupa (*Upupa epops*)
Rabirruivo (*Phoenicurus ochruros*)
Rola-turca (*Streptopelia decaocto*)
Rouxinol-bravo (*Cettia cetti*)
Tentilhão (*Fringilla coelebs*)
Torcicolo (*Jynx torquilla*)

Tordoveia (*Turdus viscivorus*)
Toutinegra-de-barrete (*Sylvia atricapilla*)
Toutinegra-do-mato (*Sylvia undata*)
Toutinegra-dos-valados (*Sylvia melanocephala*)
Trepadeira (*Certhia brachydactyla*)
Trepadeira-azul (*Sitta europaea*)



Microrreserva do Amieiro - Safres - S. Mamede de Ribatua

Localização: Amieiro

GPS: 41°16'53"N, 7°23'44"O

A Microrreserva do Amieiro - Safres - S. Mamede de Ribatua é essencialmente florestal e a maior parte da sua área é de difícil acesso, o que condiciona as atividades humanas. Em contrapartida, estas encostas declivosas e ricas em afloramentos rochosos, são território ideal de caça da aguia-de-Bonelli e de outras rapinas, assim como de morcegos e mamíferos.

Espécies mais relevantes e período e locais de observação

Flora

A primavera, entre abril e junho, é a época na qual mais espécies estão em floração.

> Espécies mais relevantes

Na floresta:

Azinhreira (*Quercus rotundifolia*)

Campanários (*Narcissus triandrus*)
Dedaleira-o-Douro (*Digitalis purpurea subsp. amandiana*)
Sobreiro (*Quercus suber*)
Zelha (*Acer monspessulanum*)
Zimbro (*Juniperus oxycedrus*)

Nas paredes rochosas:

Bocas-de-lobo (*Antirrhinum graniticum*)
Erva-molar-de-gluma-sedosa (*Holcus duriensis*)
Fidalguinha (*Centaurea micrantha*)
Fidalguinha (*Centaurea micrantha*)
Samacalo-peludo (*Anarrhinum duriminium*)
Sedum arenarium

Répteis

Biótopos mais comuns – afloramentos rochosos, clareiras de florestas e áreas agrícolas com parcelas de olival.

Período mais favorável à observação – verão, outono e primavera, durante o dia.

> Espécies mais relevantes

Cobra-de-água-de-colar (*Natrix natrix*)
Cobra-de-água-viperina (*Natrix maura*)
Cobra-de-capuz (*Macropododon cucullatus*)
Cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*)
Cobra-de-ferradura (*Coluber hippocrepis*)
Cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*)
Lagartixa-do-mato (*Psammodromus algirus*)
Lagartixa-ibérica (*Podarcis hispanica*)
Osga-comum (*Tarentola mauritanica*)
Sardão (*Lacerta lepida*)

Mamíferos (morcegos e mamíferos terrestres)

Biótopos mais comuns - áreas florestais e áreas agrícolas com parcelas de olival.

Período mais favorável à observação – verão, outono e primavera, durante o crepúsculo ou à noite.

> Espécies mais relevantes

Morcegos

Espécies *quirópteros fissurícolas* - *Tadarida teniotis*, *Pipistrellus pygmeus*, *Pipistrellus pipistrellus*, *Pipistrellus*

kuhlii, *Hypsugo savii*, *Eptesicus isabellinus*, *Eptesicus serotinus*, *Myotis daubentonii*, *Nyctalus noctula* e *Plecotus austriacus*

Mamíferos

Coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*)

Corço (*Capreolus capreolus*)

Doninha (*Mustela nivalis*)

Esquilo (*Sciurus vulgaris*)

Fuinha (*Martes foina*)

Geneta (*Genetta genetta*)

Javali (*Sus scrofa*)

Ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*)

Raposa (*Vulpes vulpes*)

Texugo (*Meles meles*)

Aves

Biótopos mais comuns - áreas florestais e áreas agrícolas com parcelas de olival.

Período mais favorável à observação – primavera, de manhã cedo ou ao fim da tarde.

> Espécies mais relevantes

Abelharuco (*Merops apiaster*)

Águia-calçada (*Hieraaetus pennatus*)

Águia-cobreira (*Circaetus gallicus*)

Águia-d'asa-redonda (*Buteo buteo*)

Águia-perdigueira (*Hieraaetus fasciatus*)

Alvéola-branca (*Motacilla alba*)

Alvéola-cinzenta (*Motacilla cinerea*)

Andorinha-das-rochas (*Ptyonoprogne rupestris*)

Andorinha-dáurica (*Hirundo daurica*)

Bufo-real (*Bubo bubo*)

Carriça (*Troglodytes troglodytes*)

Cartaxo (*Saxicola torquatus*)

Chapim-azul (*Parus caeruleus*)

Chapim-carvoeiro (*Parus ater*)

Chapim-de-poupa (*Parus cristatus*)

Chapim-rabilongo (*Aegithalos caudatus*)

Chapim-real (*Parus major*)

Cia (*Emberiza cia*)

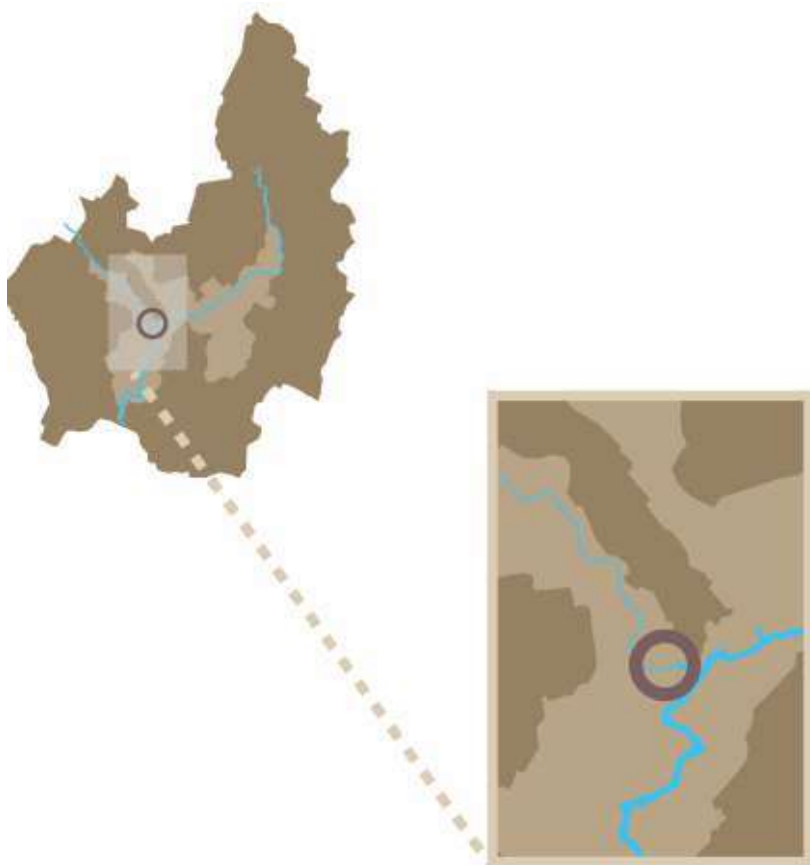
Codorniz (*Coturnix coturnix*)

Coruja-do-mato (*Strix aluco*)

Cotovia-dos-bosques (*Lullula arborea*)

Cuco (*Cuculus canorus*)
Escrevedeira (*Emberiza cirius*)
Estrelinha-real (*Regulus ignicapilla*)
Falcão-peregrino (*Falco peregrinus*)
Felosa-de-papo-branco (*Phylloscopus bonelli*)
Felosa-musical (*Phylloscopus trochilus*)
Felosinha (*Phylloscopus collybita*)
Ferreirinha (*Prunella modularis*)
Gaio (*Garrulus glandarius*)
Garça-branca (*Egretta garzetta*)
Garça-real (*Ardea cinerea*)
Gavião (*Accipiter nisus*)
Guarda-rios (*Alcedo atthis*)
Melro-azul (*Monticola solitarius*)
Milhafre-preto (*Milvus migrans*)
Milhafre-real (*Milvus milvus*)
Noitibó-cinzento (*Caprimulgus europaeus*)
Papa-figos (*Oriolus oriolus*)
Pato-real (*Anas platyrhynchos*)
Peneireiro (*Falco tinnunculus*)
Perdiz (*Alectoris rufa*)
Peto-verde (*Picus viridis*)

Pica-pau-malhado (*Dendrocopos major*)
Pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*)
Poupa (*Upupa epops*)
Rabirruivo (*Phoenicurus ochruros*)
Rola-turca (*Streptopelia decaocto*)
Rouxinol-bravo (*Cettia cetti*)
Tentilhão (*Fringilla coelebs*)
Torcicolo (*Jynx torquilla*)
Tordoveia (*Turdus viscivorus*)
Toutinegra-de-barrete (*Sylvia atricapilla*)
Toutinegra-do-mato (*Sylvia undata*)
Toutinegra-dos-valados (*Sylvia melanocephala*)
Trepadeira (*Certhia brachydactyla*)
Trepadeira-azul (*Sitta europaea*)



Microrreserva do Rio Tinhela / Santa Maria Madalena

Localização: Caldas de Carlão / Santa Maria Madalena
GPS: 41°19'48"N, 7°22'19"O

A Microrreserva do Rio Tinhela / Santa Maria Madalena desenvolve-se no magnífico vale do rio Tinhela, cujo perfil profundo concorre para a sua beleza cénica e cria uma notável diversidade de habitats. As encostas voltadas a norte, na margem direita do rio, são sombrias e frescas, o que se espelha na vegetação, profundamente diversa da que se encontra na margem esquerda, voltada a sul. O uso das águas termais das Caldas de Carlão remonta ao tempo da ocupação romana.

Espécies mais relevantes e período e locais de observação

Flora

A primavera, entre abril e junho, é a época na qual mais espécies estão em floração.

> **Espécies mais relevantes**

Na floresta:

Azinhreira (*Quercus rotundifolia*)

Campanários (*Narcissus triandrus*)

Dedaleira-do-Douro (*Digitalis purpurea subsp. amandiana*)

Lódão (*Celtis australis*)

Sobreiro (*Quercus suber*)

Vide-branca (*Clematis campaniflora*)

Zelha (*Acer monspessulanum*)

Zimbro (*Juniperus oxycedrus*)

Galerias ripícolas e leitos de cheia:

Buxo (*Buxus sempervirens*)

Festuca duriotagana

Galium broterianum

Galium glaucum subsp. australe

Luzula sylvatica

Nos afloramentos e nas paredes rochosas:

Bocas-de-lobo (*Antirrhinum graniticum*)

Cravo-do-monte (*Armeria transmontana*)

Erva-molar-de-gluma-sedosa (*Holcus duriensis*)

Fidalguinha (*Centaurea micrantha*)

Samacalo-peludo (*Anarrhinum duriminium*)

Sedum arenarium

Anfíbios

Biótopos mais comuns - florestas de caducifólias nas proximidades de cursos de água, sobretudo na margem direita do rio Tinhela e todos os habitats com elevados níveis de humidade ou com disponibilidade de água (linhas de água, charcas, lameiros, sistemas tradicionais de rega).

Período mais favorável à observação – outono e primavera, durante o crepúsculo ou à noite.

> **Espécies mais relevantes**

Rã-ibérica (*Rana iberica*)

Rã-verde (*Rana perezi*)

Salamandra-de-pintas-amarelas (*Salamandra salamandra*)

Sapo-comum (*Bufo bufo*)

Sapo-corredor (*Bufo calamita*)

Sapo-parteiro-ibérico (*Alytes cisternasii*)
Tritão-de-ventre-laranja (*Triturus boscai*)
Tritão-marmorado (*Triturus marmoratus*)

Répteis

Biótopos mais comuns - afloramentos e paredes rochosas, áreas florestais e áreas agrícolas com parcelas de olival. O rio Tinhela para o cágado.

Período mais favorável à observação – verão, outono e primavera, durante o dia.

> Espécies mais relevantes

Cágado comum (*Mauremys leprosa*)
Cobra-de-capuz (*Macroprotodon cucullatus*)
Cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*)
Cobra-de-ferradura (*Coluber hippocrepis*)
Cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*)
Lagartixa-do-mato (*Psammodromus algirus*)
Osga-comum (*Tarentola mauritanica*)
Sardão (*Lacerta lepida*)



Mamíferos (morcegos e mamíferos terrestres)

Biótopos mais comuns - áreas florestais e áreas agrícolas com parcelas de olival, galerias ripícolas e outros habitats nas margens do rio.

Período mais favorável à observação – verão, outono e primavera, durante o crepúsculo ou à noite.

> Espécies mais relevantes

Toupeira-d'água (*Galemys pyrenaicus*)

Morcegos - *Pipistrellus pygmeus*, *Pipistrellus kuhlii*, *Hypsugo savii*, *Nyctalus leisleri*, *Nyctalus lasiopterus*, *Nyctalus noctula*, *Myotis daubentonii*, *Myotis escalerai*, *Myotis blythii*, *Myotis myotis*, *Rhinolophus hipposideros*, *Rhinolophus ferrumequinum*, *Miniopterus schreibersii* e *Tadarida teniotis*.

Aves

Biótopos mais comuns - áreas florestais, áreas agrícolas com parcelas de olival e paredes rochosas (para as aves rupícolas), leitões de cheia e galerias nas margens do rio.

Período mais favorável à observação – de manhã cedo ou ao fim da tarde, especialmente na Primavera.

> Espécies mais relevantes

Abelharuco (*Merops apiaster*)

Águia-d'asa-redonda (*Buteo buteo*)

Alvéola-branca (*Motacilla alba*)

Alvéola-cinzenta (*Motacilla cinerea*)

Andorinha-dáurica (*Hirundo daurica*)

Andorinhão-preto (*Apus apus*)

Bufo-real (*Bubo bubo*)

Carriça (*Troglodytes troglodytes*)

Cartaxo (*Saxicola torquatus*)

Chapim-azul (*Parus caeruleus*)

Chapim-carvoeiro (*Parus ater*)

Chapim-de-poupa (*Parus cristatus*)

Chapim-rabilongo (*Aegithalos caudatus*)

Chapim-real (*Parus major*)

Cia (*Emberiza cia*)

Codorniz (*Coturnix coturnix*)

Coruja-do-mato (*Strix aluco*)

Cuco (*Cuculus canorus*)

Escrevedeira (*Emberiza cirulus*)

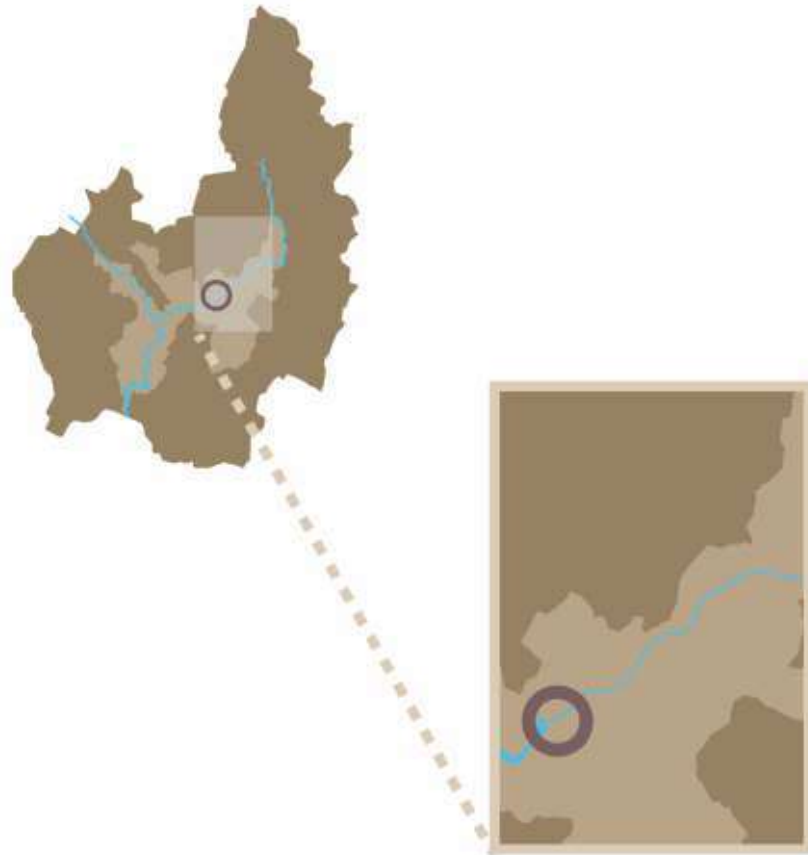
Estrelinha-real (*Regulus ignicapilla*)

Felosa-de-papo-branco (*Phylloscopus bonelli*)



Felosa-musical (*Phylloscopus trochilus*)
Felosinha (*Phylloscopus collybita*)
Gaio (*Garrulus glandarius*)
Guarda-rios (*Alcedo atthis*)
Lugre (*Carduelis spinus*)
Melro (*Turdus merula*)
Melro-azul (*Monticola solitarius*)
Melro-d'água (*Cinclus cinclus*)
Milheira (*Serinus serinus*)
Noitibó-cinzento (*Caprimulgus europaeus*)
Papa-amoras (*Sylvia communis*)
Papa-figos (*Oriolus oriolus*)
Perdiz (*Alectoris rufa*)
Peto-verde (*Picus viridis*)
Pica-pau-malhado (*Dendrocopos major*)
Pintarroxo (*Carduelis cannabina*)
Pintassilgo (*Carduelis carduelis*)
Pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*)
Poupa (*Upupa epops*)
Rabirruivo (*Phoenicurus ochruros*)
Rola-turca (*Streptopelia decaocto*)
Rouxinol (*Luscinia megarhynchos*)

Tentilhão (*Fringilla coelebs*)
Torcicolo (*Jynx torquilla*)
Toutinegra-de-barrete (*Sylvia atricapilla*)
Toutinegra-de-bigodes (*Sylvia cantillans*)
Toutinegra-do-mato (*Sylvia undata*)
Toutinegra-dos-valados (*Sylvia melanocephala*)
Toutinegra-real (*Sylvia hortensis*)
Trepadeira (*Certhia brachydactyla*)
Trepadeira-azul (*Sitta europaea*)
Verdilhão (*Carduelis chloris*)



Microrreserva de Abreiro - Freixiel - Pereiros

Localização: Abreiro

GPS: 41°20'50"N, 7°16'43"O

Na Microrreserva de Abreiro - Freixiel - Pereiros situa-se o único troço do baixo Tua que não é submerso pela albufeira. As comunidades de leitos-de-cheia são especialmente interessantes. Ocorrem aqui espécies da fauna de enorme interesse para a conservação, como o rato-de-cabrera, a lagartixa-de-dedos-denteados e o mexilhão-do-rio. Abreiro é um importante local de atravessamento do rio para a fauna terrestre.

Espécies mais relevantes e período e locais de observação

Flora

A primavera, entre abril e junho, é a época na qual mais espécies estão em floração.

> **Espécies mais relevantes**

Na floresta e matos com afloramentos rochosos:

Bela-luz (*Thymus mastichina*)

Campainhas (*Campanula lusitanica*)

Campainhas amarelas (*Narcissus bulbocodium*)

Campanários (*Narcissus triandrus*)

Canavoura (*Ferula communis*)

Cardo-das-víboras (*Echium rosulatum*)

Dedaleira-amarela (*Digitalis thapsi*)

Dedaleira-do-Douro (*Digitalis purpurea subsp. amandiana*)

Dianthus laricifolius subsp. laricifolius

Erva-seca (*Herniaria lusitanica*)

Euphorbia oxyphylla

Genistra histrix

Hyacintoides paivae

Leite-de-galinha (*Ornithogalum concinnum*)

Lódão (*Celtis australis*)

Narciso (*Narcissus triandrus*)

Sobreiro (*Quercus suber*) e azinheira (*Quercus rotundifolia*)

Vide-branca (*Clematis campaniflora*)

Zelha (*Acer monspessulanum*)

Zimbro (*Juniperus oxycedrus*)

Galerias ripícolas e leitões de cheia:

Bufonia macropetala

Festuca duriotagana

Galium glaucum subsp. australe

Ranúnculo-aquático (*Ranunculus peltatus subsp.*

Saniculifolius)

Nos afloramentos e nas paredes rochosas:

Cravo-do-monte (*Armeria transmontana*)

Fidalguinha (*Centaurea micrantha*)

Samacalo-peludo (*Anarrhinum duriminium*)

Anfíbios

Biótopos mais comuns – floresta e campos de cultivo nas proximidades do rio, lameiros, sistemas tradicionais de rega.

Período mais favorável à observação – outono e primavera, durante o crepúsculo ou à noite.

> **Espécies mais relevantes**

Rã-ibérica (*Rana iberica*)

Rã-verde (*Rana perezi*)

Salamandra-de-pintas-amarelas (*Salamandra salamandra*)

Sapo-comum (*Bufo bufo*)

Sapo-corredor (*Bufo calamita*)

Sapo-parteiro-ibérico (*Alytes cisternasii*)

Tritão-de-ventre-laranja (*Triturus boscai*)

Tritão-marmorado (*Triturus marmoratus*)

Répteis

Biótopos mais comuns – afloramentos e paredes rochosas, áreas florestais e áreas agrícolas com parcelas de olival.

Período mais favorável à observação – verão, outono e primavera, durante o dia.

> **Espécies mais relevantes**

Lagartixa-de-dentes-denteados (*Acanthodactylus erythrurus*)

Cobra-de-capuz (*Macroprotodon cucullatus*)

Cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*)

Cobra-de-ferradura (*Coluber hippocrepis*)

Cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*)

Lagartixa-de-dentes-denteados (*Acanthodactylus erythrurus*)

Lagartixa-do-mato (*Psammodromus algirus*)

Osga-comum (*Tarentola mauritanica*)

Sardão (*Lacerta lepida*)

Mamíferos

Biótopos mais comuns - áreas florestais e áreas agrícolas com parcelas de olival, galerias ripícolas e outros habitats nas margens do rio.

Período mais favorável à observação – verão, outono e primavera, durante o crepúsculo ou à noite.

> **Espécies mais relevantes**

Coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*)

Doninha (*Mustela nivalis*)

Fuinha (*Martes foina*)

Geneta (*Genetta genetta*)

Javali (*Sus scrofa*)

Ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*)
Raposa (*Vulpes vulpes*)
Rato-de-cabrera (*Microtus cabreræ*)
Texugo (*Meles meles*)

Aves

Biótopos mais comuns - áreas florestais, áreas agrícolas com parcelas de olival e paredes rochosas (para as aves rupícolas), leitões de cheia e galerias nas margens do rio.

Período mais favorável à observação – de manhã cedo ou ao fim da tarde, especialmente na Primavera.

> Espécies mais relevantes

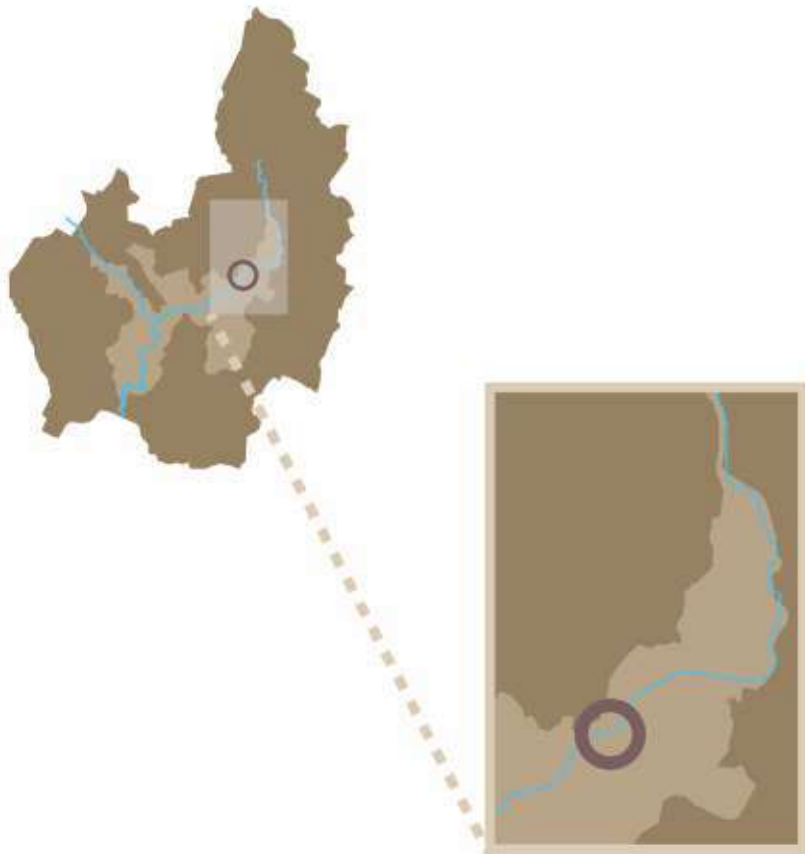
Abelharuco (*Merops apiaster*)
Águia-calçada (*Hieraaetus pennatus*)
Águia-d'asa-redonda (*Buteo buteo*)
Águia-perdigueira (*Hieraaetus fasciatus*)
Alvéola-branca (*Motacilla alba*)
Alvéola-cinzenta (*Motacilla cinerea*)
Andorinha-das-chaminés (*Hirundo rustica*)
Andorinha-das-rochas (*Ptyonoprogne rupestris*)

Andorinha-dos-beirais (*Delichon urbicum*)
Andorinhão-preto (*Apus apus*)
Bufo-real (*Bubo bubo*)
Carricha (*Troglodytes troglodytes*)
Cartaxo (*Saxicola torquatus*)
Chapim-azul (*Parus caeruleus*)
Chapim-carvoeiro (*Parus ater*)
Chapim-de-poupa (*Parus cristatus*)
Chapim-rabilongo (*Aegithalos caudatus*)
Chapim-real (*Parus major*)
Cia (*Emberiza cia*)
Codorniz (*Coturnix coturnix*)
Coruja-do-mato (*Strix aluco*)
Cuco (*Cuculus canorus*)
Escrevedeira (*Emberiza cirulus*)
Estrelinha-real (*Regulus ignicapilla*)
Falcão-peregrino (*Falco peregrinus*)
Felosa-de-papo-branco (*Phylloscopus bonelli*)
Felosa-musical (*Phylloscopus trochilus*)
Felosinha (*Phylloscopus collybita*)
Gaio (*Garrulus glandarius*)
Guarda-rios (*Alcedo atthis*)



Lugre (*Carduelis spinus*)
Melro (*Turdus merula*)
Milheira (*Serinus serinus*)
Noitibó-cinzento (*Caprimulgus europaeus*)
Papa-amoras (*Sylvia communis*)
Papa-figos (*Oriolus oriolus*)
Peneireiro (*Falco tinnunculus*)
Perdiz (*Alectoris rufa*)
Pica-pau-malhado (*Dendrocopos major*)
Pintarroxo (*Carduelis cannabina*)
Pintassilgo (*Carduelis carduelis*)
Pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*)
Poupa (*Upupa epops*)
Rabirruivo (*Phoenicurus ochruros*)
Rola-turca (*Streptopelia decaocto*)
Rouxinol (*Luscinia megarhynchos*)
Rouxinol-bravo (*Cettia cetti*)
Tentilhão (*Fringilla coelebs*)
Tordoveia (*Turdus viscivorus*)
Toutinegra-de-barrete (*Sylvia atricapilla*)
Toutinegra-de-bigodes (*Sylvia cantillans*)
Toutinegra-do-mato (*Sylvia undata*)

Toutinegra-dos-valados (*Sylvia melanocephala*)
Toutinegra-real (*Sylvia hortensis*)
Trepadeira (*Certhia brachydactyla*)
Trepadeira-azul (*Sitta europaea*)
Verdilhão (*Carduelis chloris*)



Microrreserva do Alto Tua

Localização: Ribeirinha

GPS: 41°21'58"N, 7°14'26"O

A Microrreserva do Alto Tua acompanha o rio Tua e as suas margens a montante da albufeira até ao Cachão. As águas límpidas correm pelo leito aberto, por vezes atrasadas pelas azenhas, desenhando praias rochosas ou sedimentares, emolduradas por belíssimas galerias ripícolas. A contrastar com a maior suavidade do rio neste troço, erguem-se as imponentes cristas quartzíticas do Cachão, na base da Serra de Valverde.

Espécies mais relevantes e período e locais de observação

Flora

A primavera, entre abril e junho, é a época na qual mais espécies estão em floração.

> **Espécies mais relevantes**

Na floresta e matos com afloramentos rochosos:

Azinheira (*Quercus rotundifolia*)

Dedaleira-amarela (*Digitalis thapsi*)

Gilbarbeira (*Ruscus aculeatus*)

Linaria saxatilis

Sobreiro (*Quercus suber*)

Zimbro (*Juniperus oxycedrus*)

Galerias ripícolas e leitos de cheia rochosos:

Dedaleira-menor (*Gratiola linifolia*)

Festuca duriotagana

Silva (*Rubus henriquesii*)

Solda (*Galium glaucum* subsp. *Australe*)

Nos afloramentos e nas paredes rochosas:

Erva-molar-de-gluma-sedosa (*Holcus duriensis*)

Fidalguinha (*Centaurea micrantha*)

Samacalo-peludo (*Anarrhinum duriminium*)

Anfíbios

Biótopos mais comuns – floresta e campos de cultivo

nas proximidades do rio, lameiros, sistemas tradicionais de rega.

Período mais favorável à observação – outono e primavera, durante o crepúsculo ou à noite.

> **Espécies mais relevantes**

Rã-ibérica (*Rana iberica*)

Rã-verde (*Rana perezi*)

Salamandra-de-pintas-amarelas (*Salamandra salamandra*)

Sapo-comum (*Bufo bufo*)

Sapo-corredor (*Bufo calamita*)

Sapo-parteiro-ibérico (*Alytes cisternasii*)

Tritão-de-ventre-laranja (*Triturus boscai*)

Tritão-marmorado (*Triturus marmoratus*)

Répteis

Biótopos mais comuns – afloramentos e paredes rochosas e áreas agrícolas com parcelas de olival.

Período mais favorável à observação – verão, outono e primavera, durante o dia.

> Espécies mais relevantes

Cobra-de-capuz (*Macroprotodon cucullatus*)

Cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*)

Cobra-de-ferradura (*Coluber hippocrepis*)

Cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*)

Lagartixa-do-mato (*Psammodromus algirus*)

Sardão (*Lacerta lepida*)

Mamíferos

Biótopos mais comuns – olivais, galerias ripícolas e outros habitats nas margens do rio.

Período mais favorável à observação – verão, outono e primavera, durante o crepúsculo ou à noite.

> Espécies mais relevantes

Coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*)

Javali (*Sus scrofa*)

Ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*)

Raposa (*Vulpes vulpes*)

Rato-de-cabrera (*Microtus cabrerae*)



Aves

Biótopos mais comuns - áreas agrícolas com parcelas de olival e paredes rochosas (para as aves rupícolas), leitões de cheia e galerias nas margens do rio.

Período mais favorável à observação – de manhã cedo ou ao fim da tarde, especialmente na Primavera.

Perdiz (*Alectoris rufa*)

Toutinegra-do-mato (*Sylvia undata*)

Toutinegra-dos-valados (*Sylvia melanocephala*)

> Espécies mais relevantes

Abelharuco (*Merops apiaster*)

Abutre-do-Egipto (*Neophron percnopterus*)

Águia de Bonelli (*Hieraaetus fasciatus*)

Águia-real (*Aquila chrysaetos*)

Alvéola-cinzenta (*Motacilla cinerea*)

Andorinha-das-rochas (*Ptyonoprogne rupestris*)

Andorinha-dáurica (*Hirundo daurica*)

Andorinhão-preto (*Apus apus*)

Bufo-real (*Bubo bubo*)

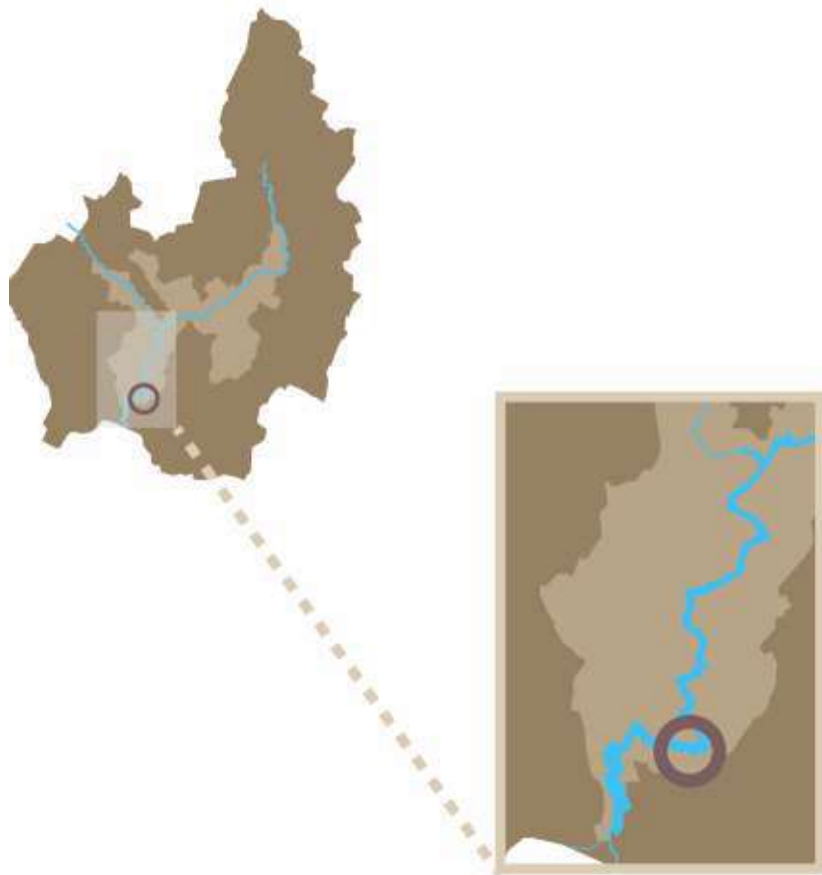
Codorniz (*Coturnix coturnix*)

Coruja-do-mato (*Strix aluco*)

Guarda-rios (*Alcedo atthis*)

Maçarico-das-rochas (*Actitis hypoleucos*)

Melro-azul (*Monticola solitarius*)



Microrreserva do Castanheiro - Ribalonga

Localização: Castanheiro

GPS: 41°14'08"N, 7°23'07"O

A Microrreserva do Castanheiro - Ribalonga corresponde a uma área notável em termos de flora vascular, musgos e líquenes. As manchas mais relevantes são os bosques de carácter higrófilo (fresco e húmido) e as paredes rochosas quase verticais. Este é um excelente território de caça para águia de Bonelli, bufo-real e numerosas espécies de morcegos.

Espécies mais relevantes e período e locais de observação

Flora

A primavera, entre abril e junho, é a época na qual mais espécies estão em floração.

> Espécies mais relevantes

Floresta de sobreiro, azinheira ou castanheiro, com zimbro, lódão e zelha.

Bocas-de-lobo (*Antirrhinum graniticum*)
Campânula (*Campanula lusitanica*)
Cravo-do-monte (*Armeria transmontana*)
Dedaleira-amarela (*Digitalis purpurea subsp. Amandiana*)
Fidalguinha (*Centaurea micrantha*)
Gilbarbeira (*Ruscus aculeatus*)
Narciso (*Narcissus triandrus*)
Pterocephalidium diandrum
Ranunculus olissiponensis
Samacalo-peludo (*Anarrhinum duriminium*)
Silene marizii

Répteis

Biótopos mais comuns - áreas florestais de pinheiro-bravo e sobreiro, afloramentos rochosos, vinhas e olivais.
Período mais favorável à observação – verão, outono e primavera, durante o dia.

> Espécies mais relevantes

Cágado-mediterrânico (*Mauremys leprosa*)
Cobra-de-água-de-colar (*Natrix natrix*)

Cobra-de-água-viperina (*Natrix maura*)
Cobra-de-capuz (*Macroprotodon cucullatus*)
Cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*)
Cobra-de-ferradura (*Coluber hippocrepis*)
Cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*)
Lagartixa-de-dentes-denteados (*Acanthodactylus erythrurus*)
Lagartixa-do-mato (*Psammodromus algirus*)
Lagartixa-ibérica (*Podarcis hispanica*)
Osga-comum (*Tarentola mauritanica*)
Sardão (*Lacerta lepida*)
Víbora-cornuda (*Vipera latastei*)

Mamíferos (morcegos)

Biótopos mais comuns - áreas florestais e áreas agrícolas com parcelas de olival.
Período mais favorável à observação – verão, outono e primavera, durante o crepúsculo ou à noite.

> Espécies mais relevantes

Espécies arborícolas (exemplos - *P. kuhlii*, *P. pygmaeus*, *H. savii*, *E. serotinus*, *T. teniotis*, *Myotis*)

pequenos, *R. hipposideros*, *B. barbastellus*)
Espécies fissurícolas - *Tadarida teniotis*, *Pipistrellus pygmeus*, *Pipistrellus pipistrellus*, *Pipistrellus kuhlii*, *Hypsugo savii*, *Eptesicus isabellinus*, *Eptesicus serotinus*, *Myotis daubentonii*, *Nyctalus noctula* e *Plecotus austriacus*.

Aves

Biótopos mais comuns - áreas florestais e áreas agrícolas com parcelas de olival, afloramentos e paredes rochosas, margens da albufeira.

Período mais favorável à observação - primavera, de manhã cedo ou ao fim da tarde.

> Espécies mais relevantes

Abelharuco (*Merops apiaster*)

Águia de Bonelli (*Hieraaetus fasciatus*)

Andorinha-das-rochas (*Ptyonoprogne rupestris*)

Andorinha-dáurica (*Hirundo daurica*)

Bufo-real (*Bubo bubo*)

Cartaxo (*Saxicola torquatus*)

Chapim-azul (*Parus caeruleus*)



Chapim-carvoeiro (*Parus ater*)
Chapim-de-poupa (*Parus cristatus*)
Chapim-rabilongo (*Aegithalos caudatus*)
Chapim-real (*Parus major*)
Cia (*Emberiza cia*)
Coruja-do-mato (*Strix aluco*)
Cuco (*Cuculus canorus*)
Escrevedeira (*Emberiza cirulus*)
Estrelinha-real (*Regulus ignicapilla*)
Felosa-de-papo-branco (*Phylloscopus bonelli*)
Felosa-musical (*Phylloscopus trochilus*)
Felosinha (*Phylloscopus collybita*)
Gaio (*Garrulus glandarius*)
Guarda-rios (*Alcedo atthis*)
Melro-azul (*Monticola solitarius*)
Papa-figos (*Oriolus oriolus*)
Peneireiro (*Falco tinnunculus*)
Peto-verde (*Picus viridis*)
Pica-pau-malhado (*Dendrocopos major*)
Pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*)
Poupa (*Upupa epops*)
Rabirruivo (*Phoenicurus ochruros*)

Rouxinol-bravo (*Cettia cetti*)
Tentilhão (*Fringilla coelebs*)
Torcicolo (*Jynx torquilla*)
Tordoveia (*Turdus viscivorus*)
Toutinegra-de-barrete (*Sylvia atricapilla*)
Toutinegra-do-mato (*Sylvia undata*)
Toutinegra-dos-valados (*Sylvia melanocephala*)
Trepadeira (*Certhia brachydactyla*)
Trepadeira-azul (*Sitta europaea*)



Ficha Técnica

Propriedade Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Tua

Produção Longomai

Coordenação Ari Neiva / Artur Cascarejo / Samuel Tapada

Textos Alberto Tapada

Análise de Informação Manuel Tapada / Pedro Pinto

Design Alexandre Araújo [Adarme - Agência Publicitária] / Samuel Tapada [Longomai]

Fotografia Alberto Tapada / Alexandra Cerveira Pinto / António Martinho Baptista / Dinis Cortes / Jorge Delfim /

Marco Aurélio Peixoto / Município de Alijó / Município de Mirandela / Nuno Silva / Pedro Sousa / Ricardo Guerra /

Samuel Tapada / Telmo Carquejo / Tiago Gomes

Contributos literários/científicos António Monteiro / José Ribeiro / Paula Canha

Tiragem 700

Depósito legal 398794/15

187



Agência de
Desenvolvimento
Regional do
Vale do Tua



TUA®

Parque Natural Regional do Vale do Tua



MUNICÍPIO DE
ALIJÓ



Município de
mirandela
MURÇA





 QUEDA DE ÁGUA





TUA®

Parque Natural Regional
do Vale do Tua



 MELRO D'AGUA